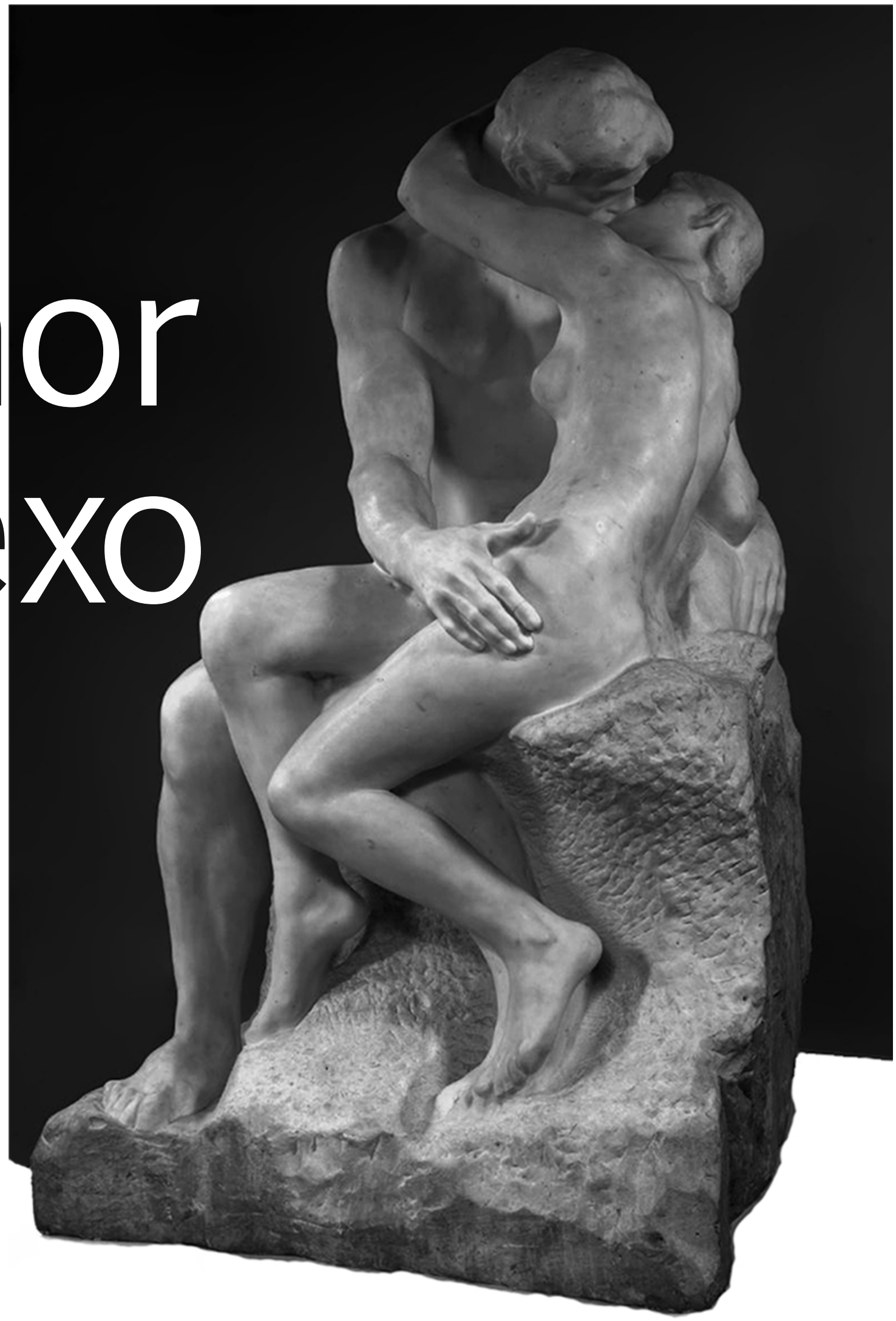
nº ZERØ

JORNAL LABORATÓRIO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ - **número 27 - 2014/2**

Amor e Sexo



OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 1 17/01/2019 16:23:57

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor
Carlos Levi

ECO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
Direção
Amaury Fernandes
Coordenação do Curso de Jornalismo
Cristiane Costa

Coordenação do Núcleo de Imprensa
Cecília Castro

Equipe
Dino Carvalho
Mercia Roseli

nºZERØ
número 27
Informativo produzido pelos alunos
da Escola de Comunicação da UFRJ
na disciplina de Jornal Laboratório

Coordenação Acadêmica
Cristiane Costa

Coordenação Gráfica, design e capa
Cecília Castro

Estagiários
Letícia Amorim
Sara Ramos
Wallace Nascimento

Este número foi produzido com matérias elaboradas pelos alunos da disciplina Jornal Laboratório.

TIRAGEM: 500 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Jovens não transam com camisinha

Estatísticas comprovam aversão da juventude ao sexo com proteção

Arthur Gomes

"Você come bala com papel?", questionam jovens que ignoram a camisinha nas relações sexuais. Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), publicada em diversos veículos, comprovou que pouco mais de 1/3 da população de 14 a 20 anos não usa o preservativo regularmente. As justificativas para essa aversão são diversas e os riscos, negligenciados.

O uso da pílula anticoncepcional é um dos principais argumentos dos jovens. A estudante de arquitetura da PUC-Rio, Marina Gama, 22, "confessa", entre risos, que nunca usou camisinha com o atual namorado. "Já estou com o Kelve há dois anos, mas nunca transamos de camisinha. Como sempre tomei pílula, não vejo risco. Além disso, já o conhecia antes de começarmos a ficar" , diz Marina.

A declaração da estudante traz à tona o medo de uma gravidez indesejada e, em contrapartida, o menor, ou até inexistente, temor de doenças sexualmente transmissíveis. "Impossível pensar em engravidar nessa idade. É muita responsabilidade", afirma.

Esse tipo de atitude não é incomum entre os jovens. Por estarem iniciando a vida sexual, alguns se sentem imunes à exposição às doenças sexualmente transmissíveis, especialmente em relação à AIDS. A gravidez é mais temida por estar mais próxima da realidade dessa faixa etária. Já as doenças não são tão facilmente percebidas e quem as tem dificilmente declara abertamente. "Sem dúvida meu maior medo é engravidar. Quase todo mundo tem uma amiga ou pelo menos conhece alguém que engravidou nova e é horrível. Acho que o problema está justamente aí: a gente fica com medo do que a gente vê. DST eu nunca ouvi relato entre meus amigos" , afirma Thamires Vieira, 18, estudante pré-vestibular.

Contudo, há outro risco nos discursos de Marina e Thamires. A confiança depositada no parceiro(a) antes mesmo do relacionamento se tornar estável potencializa a possibilidade de transmissão de DSTs. Mesmo conhecendo o perigo, Saulo Soares, 19, lojista, adota uma prática irresponsável. "Já fiz exame e sei que não tenho nada. Por isso só uso camisinha mesmo se a garota fizer muita questão. Tento convencer a fazer [sexo] sem até ela ceder. Mas também não saio por aí transando com qualquer uma. Geralmente conheço a garota de alguma forma", revela o rapaz, que é solteiro.

Foto: Arthur Gomes

Marina com o namorado, Kelve, antes de sair para uma festa: pílula em vez de camisinha

> *"Só uso camisinha mesmo se a garota fizer muita questão. Tento convencer até ela ceder"*
>
> *Saulo Soares*

O ginecologista Olímpio Neto, cirurgião, médico residente e coordenador do Curso de Especialização em Mastologia e Ginecologia do Instituto Nacional do Câncer (INCA), leva as mãos à cabeça ao saber do perigoso hábito de Saulo. Quanto ao julgamento pela aparência e o não uso da camisinha, o médico é enfático: "As pessoas não vêm com o carimbo na testa: 'Eu tenho AIDS'. Hoje em dia uma pessoa soropositiva leva uma vida completamente normal e saudável. Os jovens deveriam ter mais consciência e exigir o preservativo na hora da relação sexual".

E ainda alerta: "Há o risco de outras doenças, como o HPV, que pode levar a sérios problemas, como o câncer de colo de útero. Houve, inclusive, campanha de vacinação recente, para meninas de até 14 anos, contra o HPV".

A possibilidade de os portadores do HIV levarem vidas normais, permitida pelos avanços da medicina, torna o vírus ainda mais invisível. Isto é, muitas pessoas nem sabem da condição de soropositivo do parceiro, conforme diz relatório da Unaids (Programa das Nações Unidas para HIV e Aids), divulgado em julho deste ano. Segundo a pesquisa, cerca de 54% das pessoas infectadas não tem ciência disso.

Ainda de acordo com a Unaids, o Brasil apresentou aumento de 11% no número de infectados pelo HIV entre 2005 e 2013.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 3 17/01/2019 16:23:57

Somos todas vadias

Mulheres tomam as ruas e a rede na luta contra o "slutshaming"

Ana Luiza Albuquerque

Janeiro de 2011. Toronto, Canadá. Osgoode Hall Law School. Uma série de abusos sexuais em um campus de faculdade. Um policial chamado para orientar as alunas em relação à segurança afirma que "mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas".

Abril de 2011. Toronto, Canadá. Mulheres se organizam em torno da primeira "Slut Walk", ou Marcha das Vadias, que posteriormente ocupará cerca de 75 cidades ao redor do mundo, incluindo o Brasil. As manifestantes protestam contra a culpabilização da vítima, a condenação da liberdade sexual feminina, o cerceamento da autonomia da mulher e a objetificação sexual.

No Brasil, a cultura do estupro não é menos significativa. Em pesquisa do Instituto IPEA, de 2014, 26% dos entrevistados não tiveram vergonha de afirmar que "mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas". A ideia de que a mulher não pode ter o controle sobre o próprio corpo pode estar por trás do elevado número de estupros.

Em 2012, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, um estupro foi registrado a cada 10 minutos no país. É importante ressaltar que nem todos são denunciados. A secretaria de Políticas para Mulheres estima que uma forma de abuso sexual ocorra a cada 12 segundos no Brasil.

Diante deste cenário, a primeira Marcha das Vadias (MDV) no Brasil ocorreu em junho de 2011, em São Paulo. Desde então, se expandiu para outras cidades, como Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Brasília, Itabuna, Teresina e São José do Rio Preto. Cada MDV possui autonomia própria.

Manifestante utilizam a Marcha das Vadias para reivindicar a liberdade sexual, o controle e a autonomia sobre o corpo da mulher

Puta, piranha, vagabunda, vadia. Não é fácil encontrar uma mulher que nunca tenha sido agredida com estas palavras. O ato de xingar mulheres pela forma como usufruem da própria liberdade sexual, tentando inferiorizá-las, chama-se "slutshaming". Mas o que acontece se estes termos forem ressignificados? "Se ser vadia é ser livre, somos todas vadias!", entoam as feministas da Marcha.

Feministas negras e brancas (apesar da predominância destas últimas), cisgêneras (que se reconhecem no próprio sexo biológico) e transexuais, heterossexuais, bissexuais e homossexuais. Vestidas, de roupa íntima, ou nuas. A Marcha é diversa e causa estranhamento – principalmente por parte dos setores machistas e conservadores da sociedade. A família brasileira ainda não está preparada para aceitar uma mulher com os seios descobertos, reafirmando o direito sobre o próprio corpo. Para eles, é uma imoralidade. Para as feministas, é a verdade que precisa ser aceita. Nua e crua.

"A marcha ressignifica o que é ser vadia. A gente brinca com conceitos que são usados para constrangimento. O objetivo é tirar o poder daquelas palavras. A partir do momento que eu digo que sou vadia, aquilo não me afeta mais", explica Heloisa Melino, de 30 anos, ativista feminista, mestranda e pesquisadora do Laboratório de Direitos Humanos da UFRJ e advogada popular. Heloisa é branca, de classe média, e se reconhece como não-heterossexual e "sapatânica" (sapatã e satânica). "Sapatânica porque eu não sou fácil", se diverte. "Sapatã porque ressignifica o termo sapatão, foge da dicotomia masculino-feminino", esclarece.

A ativista começou a participar da organização da MDV em 2013. Em 2014, passou a fazer parte da Comissão de Segurança, que visa proteger a mulher, levando em conta que os assédios aumentam com a nudez das participantes.

"Esse ano, por exemplo, um cara quis entrar no cordão humano que fazemos para que as pessoas que estão na frente possam realizar gritos de guerra e andar de peitos de fora. Ele estava muito bêbado, com o pênis ereto, querendo dançar com as mulheres", lembra.

A falta de respeito não é só individual, mas também do Estado. No Facebook, circula uma imagem de um policial militar segurando o seio de Heloisa, enquanto eles debatem. "A Polícia Militar está ali como demonstração de poder. Como homens, eles já têm um poder social sobre as mulheres. Nem precisam estar fardados para ter uma relação de desigualdade", defende a advogada. Segundo ela, o Estado passa uma mensagem quando se faz presente na Marcha por meio da PM. "A PM não está ali pela segurança, está ali para marcar autoridade", continua.

Sobre as atitudes policiais em relação à nudez, Heloisa explica que a sororidade (união e proteção entre as mulheres) vem melhorando o cenário. "Quando começou a MDV, os PMs sempre reclamaram dos peitos de fora, mas perceberam que não é mais possível. Se forem 20 com peitos de fora eles não vão levar para a delegacia, principalmente se forem brancas. Com a classe média alta, eles não tem certeza com quem estão falando. Já com as crianças e adolescentes negros, levam 30 em um dia na Operação Verão", analisa.

A feminista esclarece que há duas vertentes nas críticas à Marcha. Por um lado, o movimento é condenado por não dialogar com todas as mulheres. "É criticada por ser majoritariamente acadêmica, branca e de classe média. A posição geográfica, na Zona Sul, também não facilita", aponta. Por outro lado, algumas mulheres brancas de classe média também não se identificam. "Acham que não é pedagógico, que vadia é uma coisa ruim, que não tem que se apropriar do termo. Elas são contra palavras que pesam na moral e nos bons costumes da família brasileira", ironiza.

Pessoalmente, Heloisa afirma que não sofreu situações expressivas de "slutshaming", mas sim "bodyshaming", a humilhação dirigida aos corpos que se encontram fora do padrão estético de magreza aceito pela sociedade. "Eu fui alvo de gordofobia dos 13 aos 23 anos. Foram dez anos muito pesados. Talvez venha daí o meu não-diálogo com opressões", reflete. "Depois que eu emagreci, já estava envolvida com o feminismo, então se me chamam de vadia agora eu vou dizer que 'dou' mesmo e 'pego' quem eu quiser", aponta.

A opressão sofrida por Heloisa não foi a mesma enfrentada por Mariana*, de 24 anos, estudante de Ciências Contábeis, da UFRJ, vítima de slutshaming. "Vou falar porque acho que faz parte de um processo de libertação. Eu sofri com isso por muito tempo na minha adolescência", começa. "Eu tinha 14 anos. Tive meu primeiro namorado e comecei a ter algumas experiências sexuais. Isso era meio avançado para o meu grupinho de amigas. Aí um amigo em comum, que era conhecido desde criança, veio perguntar o que já tinhamos feito. Eu resolvi contar, por inexperiência", continua a jovem.

Mariana explica que o menino passou a ter um interesse detalhado sobre o assunto e que depois ameaçou contar a todos sobre as experiências sexuais da garota, caso ela não fizesse sexo com ele. "Na época isso me aterrorizava. A menina de 14 anos não tem o juízo feminista formado", relata. "Ele contou para outros meninos, inventou várias coisas. Eu até terminei com o outro garoto, que nem soube da história", prossegue.

A estudante afirma que, ao mesmo tempo, o adolescente fingia que era amigo, por ser primo de sua melhor amiga e estar sempre junto. "Com o tempo essa história de ameaça foi morrendo. Ele perguntou se eu topava sair com ele sem ameaças e eu, burra, aceitei. Aquelas ameaças eram meio que naturalizadas, sabe? Eu me via mesmo como uma puta, alguém errada. Mas não tinha muita vontade de me reprimir porque queria conhecer as coisas", esclarece.

Mariana conta que eles se encontraram e transaram. "No dia seguinte todos me olhavam feio e eu não sabia por que. As meninas que andavam comigo não sentaram na mesma cadeira de sempre, ninguém olhou na minha cara", relembra. "Umas meninas fofoqueiras me contaram que ele falou para a escola inteira que eu era a maior puta, que tinha transado com o mundo inteiro. Inventou histórias absurdas. Eu fiquei sem entender", recorda.

Xingamentos são esvaziados e ganham interpretação positiva

A jovem entrou em depressão, teve transtornos alimentares e perdeu todos os amigos. "Me senti totalmente sem valor, eu achava que era realmente inferior por isso. Cheguei a faltar aula para ficar no banheiro", recorda. Ela diz que passou a ter crise de confiança e que até há pouco tempo não considerava ninguém como amigo de verdade.

"O feminismo para mim foi um processo, uma desconstrução e reflexão diária. Isso acabou mudando não só a mim, mas todos a minha volta, minha irmã, meu namorado", avalia. "Desde que comecei a me interar sobre feminismo, não repensei o assunto. Estou fazendo isso pela primeira vez agora. Mas quando a gente para para pensar e realmente vê o quanto o mundo é machista e o quanto isso te afeta, é tenso, sabe? Vidas são destruídas por conta disso", lamenta a estudante.

Os pais de Mariana não chegaram a ficar cientes da situação. Já no caso de Alessandra Zager, 21 anos, aluna de Letras da UFRJ, os pais foram os responsáveis pelo "slutshaming". "Depois que um menino com quem eu ficava sério terminou comigo, meu pai ficou me perturbando, perguntando se a gente transou e eu falei que sim. Não vou ficar fingindo sem necessidade, quero ter minha liberdade. Bom, com a minha resposta, tive que ouvir que ele terminou comigo porque eu 'dei' para ele", conta a jovem.

Quando Alessandra e o parceiro estavam reatando, seus pais diziam que o garoto estava na "seca" e deveria estar querendo alguém para "comer". "Ainda recebi conselhos como 'não vá em um motel com ele, ouviu, Alessandra?', como se o sexo fosse um prêmio que ele não merecesse receber e como se ele fosse 'me largar' de novo caso eu transasse", critica.

"O feminismo me ajudou bastante, principalmente em relação a me afirmar perante os meus pais. Minha mãe achou um absurdo eu transar com um garoto que não era meu namorado oficialmente. Por já estar em contato com o feminismo, eu falei: Por que vocês têm que conhecê-lo para eu transar com ele? Ele vai transar com vocês? O corpo é meu e eu tenho que transar com quem eu tiver vontade", lembra a estudante. Alessandra afirma que os pais ainda têm visões machistas, mas se calam, pois ela é irredutível. "Se somos vadias por agirmos segundo nossa vontade, então somos vadias mesmo", finaliza.

Mariana* e Alessandra não são casos isolados. O "slutshaming" acontece a todo momento, mesmo sem o uso de xingamentos propriamente ditos – quando os pais não permitem que a filha durma na casa do namorado, mas não vêem problema do filho dormir na casa da namorada; quando os homens separam as mulheres entre para casar e para sair; quando a escola intervém no uniforme feminino e até mesmo pune as meninas com medidas vexatórias; quando são usados eufemismos como "atirada" e "saidinha" para se referir às mulheres; quando homens se reúnem em um grupo no Whatsapp para compartilhar imagens de mulheres que tiveram a intimidade violada; e em tantas outras ocasiões.

Para as vítimas do "slutshaming", o feminismo surge como um espaço de troca de experiências e empoderamento para enfrentar essa e outras violências do machismo. Vadias, sim. Silenciadas, não.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 4-5 17/01/2019 16:23:58

Paixão preto e branca

Uma visita aos torcedores mineiros-cariocas da Cariogalo

André Klojda

A bandeira na sacada não deixa dúvidas: é aqui. Avenida Mem de Sá, número 82, Lapa, Rio de Janeiro – mas, esta noite, também Minas Gerais.

Espero os torcedores que estão à minha frente na fila para entrar no La Esquina Teatro Bar. Eles vestem camisas do Atlético Mineiro, time que enfrenta, logo mais, o Corinthians, em São Paulo, na partida de ida das quartas-de-final da Copa do Brasil. Uma mulher fuma ao lado, também uniformizada. Não demora, e chega a minha vez. A atendente, que fala em espanhol, pede minha identidade antes de entregar o cartão de consumo e liberar a subida. Chegando aos últimos degraus, vejo dois homens pendurando uma bandeira alvinegra. Reconheço um deles: Custódio Neto, com quem, por intermédio de um amigo, entrei em contato e marquei a visita a uma reunião da Cariogalo.

Apresento-me e logo vou para o bar; peço uma Coca-Cola e recosto na bancada. Pouco depois, Custódio, simpático, aproxima-se e começamos a conversar. Assim como quase todos no recinto, ele também veste o uniforme atleticano. Seu traje ainda tem o luxuoso complemento de um chapéu estilizado em forma de galo, símbolo do clube pelo qual é apaixonado.Cariogalo, o nome fala por si: são torcedores fanáticos pelo Atlético Mineiro que moram no Rio de Janeiro. Custódio é um dos organizadores do coletivo – "O Kalil daqui", define um dos frequentadores, fazendo referência ao presidente do clube, Alexandre Kalil.

"Começou no Orkut, lá em 2006", conta Custódio, lembrando os primórdios da turma e das redes sociais. "No início, as pessoas tinham mais receio de encontrar quem conheciam na internet. Começou a aparecer muita gente nos encontros em 2012, quando veio o Ronaldinho Gaúcho e nós disputamos e acabamos vencendo a Libertadores."

Logo, ele chama para se juntar a nós Lucas Conrado, ex-aluno da Escola de Comunicação da UFRJ e também um dos "homens de frente" da Cariogalo. Por conta de um festival de curtas, eles dizem, a reunião dos torcedores foi marcada para as 21h, apenas uma hora antes do jogo, e isso deve afastar algumas pessoas, especialmente os que costumam levar toda a família.

Nenhum dos organizadores recebe para exercer a função, financeiramente falando. O trabalho de fazer o projeto ganhar a força que tem hoje – a Cariogalo tem mais de 24 mil seguidores no Twitter, por exemplo, e na final da Libertadores de 2012, 1.200 pessoas se juntaram em um bar no Leme para empurrar Ronaldinho Gaúcho e companhia rumo à inédita conquista da América – é justificado pelo sentimento inexplicável do amor clubístico, que vence distâncias e arrasta multidões.

Custódio tem de se afastar, e eu e Lucas permanecemos no bar, trocando figurinhas ecoínas. Por estar há tanto tempo no Rio – 11 anos; Custódio está há 14 –, pergunto se ele tem simpatia por algum time daqui.

Foto: Divulgação Cariogalo

Lucas Conrado e Custódio Neto: sempre acompanhando o Galo, mesmo fora de Minas Gerais

O mineiro de Divinópolis diz que sim, pelo Botafogo. "Por causa das cores, né?", apresso-me a dizer, muito esperto, antes de ele desfazer minha suposição simplista. "Não, por causa de um tio meu", diz, e pergunta por qual clube torço. "Fluminense", respondo. "Quase tive uma simpatia pelo Flu por um tempo, mas depois de 2012 não deu mais", conta, rememorando o Campeonato Brasileiro daquele ano, disputado cabeça a cabeça por cariocas e mineiros e que foi parar nas Laranjeiras.

A hora passa e Lucas vai se juntar ao restante da torcida, que ocupa todas as mesas do bar. O relógio, então, finalmente marca 22h e a bola rola no telão e nos televisores espalhados pelo salão. Começou. Pouco depois, chega Caio Felippe, meu amigo atleticano que fez a ponte entre mim e Custódio. O jogo passa rápido. Logo aos 10, o bar se levanta: Guilherme bate Cássio, goleiro do Corinthians, mas Gil tira a bola em cima da linha. Os gritos de gol ficam presos nas gargantas. No entanto, 14 minutos depois, quem comemora é a torcida que lota o estádio: Guerrero cabeceia firme e abre o placar para os paulistas. Xingamentos, socos nas mesas, lamentações.

Aos 30 minutos, o goleiro Victor, um dos ídolos máximos da torcida – falando em ídolos, o filho de Reinaldo, maior expoente da história atleticana, está pouco atrás de nós, cercado de camisas do pai que os fãs compram entusiasmados – sai da área e, com os pés, afasta o perigo. Aplausos, gritos eufóricos, o momento de maior êxtase no La Esquina durante o primeiro tempo de jogo.

No intervalo, o comentarista Leonardo Bertozzi, da ESPN, que trabalhou no Maracanã, no jogo do Botafogo, é chamado por Custódio ao microfone e declara: "É a minha primeira vez na Cariogalo. Lá em São Paulo, a gente tem a Galosampa. Muito legal, estou muito feliz de estar aqui. Não vai ficar assim, vamos virar isso aí!", diz. Perder de 1 a 0 fora de casa não é um resultado tão ruim. Durantes os 15 minutos entre as etapas, alguns aproveitam para ir ao banheiro, outros para conversar sobre assuntos diversos e pedir mais bebidas aos garçons.

O juiz apita e a bola rola novamente. Na ESPN, que transmite a partida, o narrador Paulo Andrade cita a Cariogalo; alguns cumprimentam Custódio com apertos de mão e tapinhas nas costas, parabenizando-o. O segundo tempo se arrasta, com o Atlético pouco conseguindo agredir o adversário, que tampouco é incisivo em seus ataques.

Foto: Lucas Conrado

As reuniões da Cariogalo, que já ocorreram em diversos bares pela cidade, já são uma tradição entre os torcedores atleticanos que moram no Rio de Janeiro

Os atleticanos começam a se irritar com o time. Alguém grita "No chão, Galo, porra!", mostrandoo caminho das pedras para o time. Na TV, o comentarista Paulo Vinícius Coelho, o PVC, critica a falta de ímpeto dos mineiros.

Como se atendendo aos apelos – e ao correr do relógio – o time de Levir Culpi passa a atacar com mais afinco, a fim de tentar não sair em desvantagem de São Paulo. Dátolo acerta a trave e os corações à minha volta quase saem pela boca. Aí, então, quando as investidas do time belo-horizontino passam a ser mais insinuantes, vem o baque: bola no fundo das redes atleticanas, mais uma vez.

O responsável pelo áudio tira o som, para que o hino do Corinthians não ecoe mais uma vez no recinto desolado. Um torcedor vai para uma das pequenas sacadas, mirar a rua; outros amaldiçoam tudo e todos; outros ainda, estáticos, observam aquele momento constrangedor, quando um ídolo, um herói, mostra também ser humano – Victor falhou clamorosamente na saída do gol, facilitando o trabalho do atacante Luciano. "Meu vilão!", diria o narrador Cledi Oliveira, soltando um de seus bordões, caso estivesse na cabine narrando o jogo, e não aqui, acompanhando o colega Bertozzi.

"O Galo gosta muito de um 2 a 0", Caio diz, irritado, recordando a campanha da Libertadores de 2012, na qual o Atlético teve de reverter diversas vezes o placar no jogo de volta, sempre de maneira heroica, sofrida. Minutos depois, já no finalzinho do jogo, o barexplode: gol do Atlético. Batidas na mesa – desta vez de alegria –, pulos; Caio agarra meu pescoço e berra, a plenos pulmões: "Aqui é GALO!". O grito que ficou preso em todas essas garggaantas é liberado. Catarse.

Dura pouco, porém. O juiz marca falta sobre o goleiro do Timão. Protestos pelo La Esquina. Quando a imagem é repetida, entretanto, as vozes descontentes arrefecem. A infração foi clara. "É, foi mesmo", Caio admite, sentando-se na cadeira mais uma vez.

Após o gol anulado, a maioria do bar já está de pé, confabulando sobre as perspectivas diante de mais um revés em uma partida de ida de uma copa. Fim de jogo, derrota consumada, e todos se mexem rapidamente para pagar e ir embora – já é quase meia noite e amanhã é quinta-feira.

Na fila do caixa, entreouve-se um misto de decepção e esperança. "É o placar do Galo, 2 a 0!", dizem alguns otimistas, contrastando com os mais amargos, de cara amarrada. Daqui duas semanas, os que não perdem a fé terão seu sentimento justificado: de virada, em partida emocionante, no Mineirão, o Atlético vencerá o Corinthians por 4 a 1 e se classificará às semifinais.

Aliás, o epílogo da epopeia só chegará na noite do dia 26 de novembro, quando o Atlético triunfará sobre seu maior rival, o Cruzeiro, que até lá já terá abocanhado o bicampeonato brasileiro. Soberano, o Galo cantará o título no Mineirão ante as arquibacadas tomadas de azul-celeste. A conquista inédita será revestida de ironias dignas de Nelson Rodrigues, nosso maior cronista esportivo: impedirá a tríplice coroa do Cruzeiro, que faturou, além do Brasileirão, o estadual mineiro de 2014; o jogo de ida terminará 2 a 0, o "placar do Galo", desta vez a favor; Diego Tardelli, apesar da excelente temporada, só balançará as redes pela Copa do Brasil no segundo jogo da final - será o único gol da partida.

Mesmo se fosse capaz de prever o futuro, não diria uma palavra aos torcedores desolados à minha volta: a paixão pelo futebol vem do imponderável.

Despeço-me, e Custódio e Lucas brincam: "Pé frio, heim". Hoje, eles ainda não sabem que a sorte há de virar.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 6-7 17/01/2019 16:23:58

Reinventando o Amor

Após enfrentarem a perda de um ente querido, casais recriam a arte de amar

Darlan de Azevedo

Para muitos, o peso da idade e o avanço dos anos não significam solidão. Tristeza, nem pensar. Com os filhos criados e a sensação de missão cumprida, há quem encare a maturidade como o momento certo para um recomeço. De acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais 2013 do IBGE, no Rio, dos 2 milhões de idosos existentes, a porcentagem de viúvos, divorciados ou solteiros que moram com filhos ou outros parentes é de 26%.

Em meados do ano passado, caminhando pelo Leme, o advogado Fernando Adão, de 84 anos, deu início a uma nova vida. Conheceu a mulher que o tiraria de 13 anos de solidão, depois de ficar viúvo. Casou-se com Suely, de 51 anos, em novembro, poucos meses depois do primeiro encontro. Prova de que nunca é tarde para ser feliz. "A Suely abriu um claro na minha vida. Ao vê-la na praia, tive certeza de que me casaria com ela", diz Fernando, de mãos dadas com a amada.

Para a noiva, esta também foi a chance para seguir um novo rumo. Ela ficara viúva há poucos meses, quando conheceu o novo pretendente. "Estava sentada na areia, chorando, quando o Francisco me abordou, perguntando: 'Por quem choras?' Ele me conquistou e começamos a namorar", conta Suely.

A decisão de formalizar a união foi tomada rapidamente, quando Francisco convidou a namorada para dividir um apartamento.

Casados pela segunda vez: Francisco e Suely se conheceram em meio a dor do luto pela morte de seus parceiros

Eles se casaram em uma cerimônia na igreja católica, já que eram viúvos. "Disse que só moraríamos juntos se nos casássemos de verdade. Pude ter o casamento dos meus sonhos: um vestido lindo, como não havia tido em minha juventude" diz Suely.

Numa situação mais triste, a empresária Rosilene Carol, de 44 anos, também passou pela experiência de reinventar seu amor. Em uma manhã de fevereiro, em 2008, ela levou Francisco Viana, seu marido, à emergência do Hospital Getúlio Vargas, onde ele foi diagnosticado com pneumonia. A expectativa era de que receberia alta em alguns dias, mas, menos de uma semana depois, faleceu por conta de uma infecção contraída no próprio hospital. Rosilene se viu completamente despreparada para lidar com a viuvez: "Eu fiquei completamente atordoada. Tenho um diário e sempre que não conseguia dormir, anotava minhas emoções e experiências exatamente como haviam acontecido naquele dia."

Três anos depois, apaixonou-se por alguém que, coincidentemente, era viúvo: "Me casei de novo com um homem maravilhoso, que teve severas perdas familiares, ou seja, que está bem familiarizado com esse tipo de dor, mas é uma pessoa muito firme, com um ótimo senso de humor que, devo dizer, é realmente fundamental nesses casos. Porque tem hora em que não resta dúvida que tudo vai desmoronar" ,diz a empresária.

Apesar dos muitos problemas, ela ainda conta que o processo de integrar seus filhos à nova família não foi traumático. Segundo Roselene, Jorge e Daniele, 24 e 18 anos respectivamente, agiram com muita naturalidade às mudanças, e principalmente, foram muito afetivos com o novo cônjuge, que sempre quis, mas não conseguiu, ter filhos no primeiro casamento. "O Lúcio, meu marido, vive dizendo que jamais se sentiu tão amado num ambiente familiar desde a perda dos pais e da ex-mulher. A força que meus filhos dão é a mesma que davam ao meu primeiro marido: sempre presentes, atenciosos e dispostos a ajudar em qualquer coisa", elogia.

Depoimento

Juliana, 30 anos, professora

"Sempre me envolvi com homens de quem pudesse cuidar, que tivessem problemas. E precisava estar com meu namorado o tempo todo para me sentir querida. Quando o perdi, descobri o Mada (Mulheres que Amam Demais, associação de ajuda a mulheres que perderam entes queridos), e vi que o meu maior problema era minha auto-estima. Eu o amava demais e ele me amava de menos, por isso não consegui ficar só quando ele se foi. Ali, descobri que o outro não pode ser tão importante e passei a olhar mais para mim. Tenho meu trabalho, minha filha, meus amigos. Agora com meu novo namorado a relação é bastante diferente. Não preciso mais ser a protetora, porque ele não precisa ser protegido, e também estou muito mais forte para necessitar ser protegida."

Amores Múltiplos

Encontros sobre Poliamor reúne dezenas de pessoas no Rio de Janeiro

Diane Dias

O dramaturgo grego Aristófanes definia o amor como a busca pela outra metade. Esse conceito de relações amorosas serem aquelas vividas entre duas pessoas é o que pauta maior parte das ligações afetivas contemporâneas, mas, nos últimos anos outro modo de amar vem ganhando mais adeptos: o poliamor.

Segundo o artigo "Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias", do doutor em Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro Antônio Pilão, "poliamor é a possibilidade de estabelecer mais de uma relação amorosa ao mesmo tempo, com a concordância de todos os envolvidos". Como essa definição faz sentido para muitas pessoas, surgiram nas redes sociais grupos e páginas para quem se identifica com esse padrão afetivo e quer trocar experiências.

Integrantes do grupo de Poliamor do Rio de Janeiro, se reunem aos domingos no Parque Guinle para trocar experiências

A página no facebook Pratique Poliamor RJ realiza encontros entre os participantes, com a intenção de debater questões e promover a convivência entre pessoas com essa característica. No domingo, dia 28 de setembro, esse encontro aconteceu no Parque Eduardo Guinle, em Laranjeiras, Zona Sul carioca. Aproximadamente 30 pessoas, entre elas um psicólogo comportamental, discutiram temas relevantes ligados à prática poliamorosa, como feminismo, ciúme e preconceito.

A estudante de Sociologia Carolina, de 29 anos, foi uma das que mais falaram durante o encontro. A moça de cabelos curtos, voz grave e tatuagens, relatou as vezes que sofreu preconceito por suas escolhas amorosas. "No geral as mulheres já estão mais suscetíveis a sofrer preconceito nessa sociedade, só não vê quem não está interessado. Acredito que ter mais de um companheiro causa o olhar de estranhamento em geral, pelos contextos de traição ou de ser a vadia e a outra.", conta.

De fato esse padrão afetivo foge à regra da monogamia, principalmente no ocidente. Rafael Machado, professor de Sociologia, mantém um relacionamento nesse formato poliamoroso com a também professora Sharleen Carvalho.

Para ele, as mulheres sofrem mais com o machismo e por isso são as principais vítimas do julgamento. "O preconceito geralmente não é manifesto numa concepção específica sobre poliamor, porque a maioria das pessoas não conhece e não entende apenas com explicações, mas sim numa concepção geral sobre o que está fora do relacionamento sério e estável monogâmico: a ideia de que não é sério, de que não há amor de verdade, de que a pessoa está a serviço do sexo, de que a relação é traição", conta Rafael, que administra a página no Facebook "Pratique Poliamor RJ".

Nas reuniões promovidas via redes sociais, o ambiente é sempre um local público e agradável, com a intenção de deixar as pessoas à vontade em compartilhar suas histórias pessoais. Fato comum nos depoimentos é a maneira como se dá a descoberta da poligamia. A maioria relata que se sentiu infeliz nas relações a dois, e preferiu ter relacionamentos abertos com quem também não havia se encontrado na monogamia. Depois de muito tempo é que conheceu o poliamor e houve a identificação de imediato.

"Eu não conhecia o termo, então intitulei esse modelo de relacionamento como 'poligamia'. Vivi assim por alguns anos até que descobri o termo poliamor numa reportagem de revista sobre a monogamia e sua crise. Conhecendo, passei a pesquisar sobre ele até assumir esse modelo para mim", conta Rafael.

Porém, para Antônio Pilão, a escolha por esse tipo de conjugalidade pode também ocorrer por fatores ideológicos e políticos. Em seu artigo, cita que "os elementos que justificam a opção pelo poliamor, assim como, que permitem hierarquizar e diferenciar as diversas modalidades de conjugalidade, são valores como liberdade, honestidade, igualdade e amor".

Poliamor x Relacionamento Aberto

Ainda sem conceito estabelecido, o poliamor é comumente confundido com relacionamento aberto. De fato, ambos se diferenciam da monogamia e se caracterizam por relações com mais de uma pessoa, mas os "poliamoristas" defendem que somos capazes de amar quantos indivíduos quisermos e, nesse caso, o vínculo vai muito além de sexo, envolve também sentimento.

Já os relacionamentos abertos se dão em relações sexuais sem vínculos afetivos, que ocorre somente entre o casal original. "Consideramos que os relacionamentos abertos são relações nas quais um casal principal estabelece um acordo de certa liberdade sexual. É, portanto, uma relação na qual existe necessariamente um núcleo amoroso dois indivíduos, hierarquicamente superior a qualquer outro relacionamento e existe uma liberdade estritamente sexual.", explica Rafael Machado.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 8-9 17/01/2019 16:23:58

Negócios da paixão

Feira de casamento escancara cifras e serviços bizarros - em nome do amor

Maior evento de casamentos do país, a Expo Noivas conta com centenas de novidades todos os anos e rendeu ao mercado do amor mais de R$ 480 milhões

Diego Silva

A ideia de casamento nunca fez muito sentido para mim. Talvez por ter apenas 25 anos. Talvez pelo meu medo de comprometimento e sérios problemas de intimidade. Ou talvez porque não faça sentido mesmo reunir amigos e familiares em um evento superfaturado para envolver governo e Igreja em um assunto que deveria dizer respeito apenas ao casal. Mas para a sorte dos idealizadores da Expo Noivas, eu sou minoria.

Estive presente na última edição, realizada no Rio de Janeiro, para tentar compreender essa tradição que já dura gerações, mas confesso ter saído com mais dúvidas do que respostas.

A feira é considerada o maior evento de casamentos e festas do Brasil. Reúne empresas e profissionais especializados buscando divulgar as maiores novidades do ramo. Os números são assustadores: já são 20 anos, 78 edições, 800 mil expositores e R$ 480 milhões em negócios fechados. Tudo em nome do amor, claro.

Como todo ramo, a indústria de festas de casamento também necessita de evolução constante. Novidade é a palavra-chave. Neste momento que é o ápice da comédia romântica particular protagonizada por cada noiva, a estratégia é vender o especial e o exclusivo para tornar o casamento inesquecível (pois aparentemente jurar eterno amor à pessoa com quem você pretende passar o resto da vida não é especial o suficiente).

Os Sete estandes mais curiosos da Expo Noivas

Fotos 360º

O serviço promete fazer uma "filmagem panorâmica do casamento, com captura de todos os ângulos". Assim depois do casamento dá para fazer um programa de debate estilo as mesas-redondas sobre futebol, que analisam os lances sobre todos os ângulos possíveis. "Tira-teima: será que o noivo estava impedido na hora que disse sim? Vamos ver a imagem por outro ângulo! Posição legal, tá validado o casamento!"

Álbum impermeável

Você também já se pegou durante o banho pensando: "Ah, como eu queria estar folheando meu álbum de casamento enquanto eu me lavo..."? Pois seus problemas acabaram!

Brigadeiro no tacho.

Ok, não é bizarro. Mas vender como novidade algo que qualquer pré-adolescente faz? Qual vai ser a próxima grande novidade? Um casamento todo decorado com posters da *Capricho*? Mas até entendo o apelo, há algo de simbólico, o brigadeiro de panela e o casamento sempre tiveram uma ligação. Que pré-adolescente nunca se empanturrou de brigadeiro enquanto assistia comédias românticas que invariavelmente terminavam com um casamento da Julia Roberts e se perguntava, entre lágrimas, quando seria sua vez? Eu sei que eu já.

Boudoir

Um serviço que oferece uma novidade inusitada aos casais que "adoram as recordações": o ensaio sensual dos noivos. Os amigos dos noivos já tiveram que comprar presente, se vestir bem, participar de vaquinha, ouvir os votos de casamento, ouvir o padre falar por uma hora, depois de tanta coisa nada mais justo que compartilhar também a intimidade do casal. Aprovado. Espero que Brad Pitt e Angelina Jolie tenham entrado nessa também.

Cabide personalizado

Imagine que você é um noivo menos atento, que não prestou muita atenção nos ensaios. No grande dia você chega no quarto e se depara com um vestido branco e um terno preto. "E agora, qual devo usar?" Com os cabides personalizados, a dúvida acabou!

Percurso da Noiva

Trata-se de um serviço especializado em tornar o caminho entre a casa da noiva e a Igreja um "momento mais agradável". Vejo valor. Casar deve ser horrível mesmo, que pela menos eu seja entretido durante o percurso.

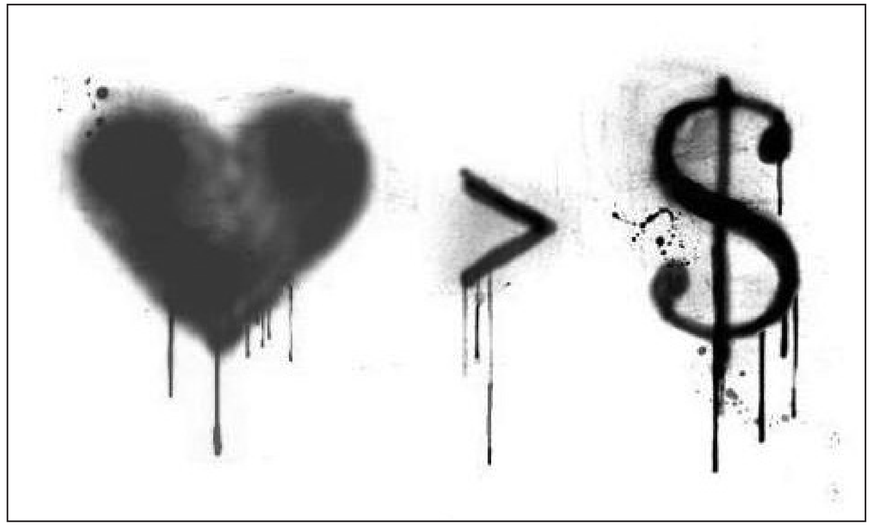
Sola de mensagem

Mensagens personalizadas pelos noivos gravadas na sola dos sapatos. Porque não basta você declarar o seu amor via redes sociais, com declarações ao pé do ouvido, com juras e promessas feitas diante de um juiz de paz e centenas de convidados. Se você ama mesmo o seu parceiro, você deve declarar isso até na sola do sapato.

Quanto custa o amor?

Produtos e programas para casais movimentam um mercado bilionário

Eduardo Tavares



Quanto custa encontrar o amor? Da procura ao casamento, um mercado milionário é movimentado. Muito dinheiro é gasto enquanto se curte o êxtase do relacionamento. Um jantar, um cineminha, uma peça, um show, um presente fora de época, são agrados que se fazem sem olhar o preço. Somam-se a isso alguns presentes de Natal, dia dos namorados e aniversário. Acrescenta-se ainda aquela viagenzinha de final de semana para fugir da rotina. Gastos corriqueis ou esporádicos que muitas vezes passam despercebidos e que só no final do mês ou do ano é que se vê o resultado deles no bolso.

Uma pesquisa informal com 40 usuários do Facebook revela que 2 a cada 5 casais se conhecem em festas ou em bares. Naturalmente, os gastos variam de acordo com o local, o bairro e a cidade onde o casal mora.

A média anual dos gastos com lazer dos casais consultados é de R$ 8.300,00. Para os rapazes, a história é ainda mais complicada, uma vez que eles arcam, em média, com mais da metade do valor.

Os valores se modificavam de acordo com a oferta de entretenimento na área visitada pelos casais. Em média, gasta-se 40% a mais nas capitais ou em grandes centros urbanos, em relação ao interior.

Os valores individuais variavam entre cerca de R$ 4.900,00 para os rapazes e R$ 2.900,00 para as moças, ambos calculados anualmente. Paulo Henrique Paiva, de 22 anos, ficou surpreso ao se deparar com o valor. Mesmo não estando em um relacionamento sério, gastava aproximadamente R$ 600 por mês para sair com mulheres. "Eu poderia ter financiado um carro ou até uma casa com esse valor", disse ele bem-humorado.

"Eu poderia ter financiado um carro ou até um casa com esse valor"

É comum, sobretudo entre as mulheres, sonhar com o casamento desde criança. Uma festa emocionante na igreja ou em um belo jardim, convidados alegres e bem vestidos. Um noivo de smoking, uma noiva de branco num vestido longo e caro. Certamente é uma imagem que já passou pela mente de muitas pessoas. Mas quanto custa o casamento de contos de fadas? A indústria do matrimônio está mais especializada, e os orçamentos cada vez mais amplos, variando de acordo com o luxo e o número de convidados. Números que variam de R$ 5 mil, em uma festa simples, aos casamentos glamorosos de famosos e de grandes empresários que extrapolam a casa dos milhões.

O mercado nacional, segundo dados da Associação dos Profissionais, Serviços para Casamento e Eventos Sociais (Abrafesta), diz que o setor faturou cerca de R$ 16 bilhões, mas não se espera aumento significativo para esse ano.

Empresas especializadas na organização de casamentos informam números variados: o orçamento de uma festa para 200 a 250 pessoas na Zona Sul do Rio de Janeiro gira em torno de R$ 31 mil, incluindo o cerimonial, buffet (com aperitivos, jantar, open bar), ornamentação, DJ, iluminação, pista de dança e o aluguel do local. O preço final transita entre R$ 124 a R$ 155 por pessoa.

No interior, como na cidade mineira de Manhumirim, o valor é bem menor. Cerca de 65% menos que nas capitais. Uma festa modesta com jantar, aperitivos, open bar, DJ, iluminação e pista, além da ornamentação e do aluguel do espaço, sai em torno de R$ 5.000. " O intuito é tornar mais acessível o dia que é, sem dúvida, um dos mais importantes e memoráveis da vida das pessoas", diz Wayne Werner, sócia da Art&Decor, empresa especializada em organização de casamentos na cidade.

E os gastos não param: depois do casamento vem a tão esperada lua-de-mel. Agências de viagem estão cada vez mais especializadas nesse tipo de passeio, oferecendo pacotes de preços variados.

Os preços de viagens nacionais e internacionais variam de acordo com o destino, a duração e o luxo desejado. Uma viagem a Buenos Aires, por exemplo, de cinco dias com passagens aéreas inclusas, hospedagem em um hotel quatro estrelas, sai por volta de R$ 2.200 por passageiro. Um pequeno tour pela Europa tem seus preços a partir de R$ 5.500, por pessoa, mais passagens aéreas, sendo que o valor corresponde à hospedagem e aos serviços.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 10-11 17/01/2019 16:23:59

O amor é inclusivo

Deficientes físicos encaram o preconceito em busca do amor e do prazer

Elisa Clavery

Acervo pessoal

Thalison e Irinete se conheceram pela internet, através do site de relacionamentos DeficienteSim, e se casaram seis meses depois

Thalison Lima e Irinete Silva são mais um casal que se conheceu através da internet. Os dois se conectaram a um site de relacionamentos no ano passado e foram apresentados por uma amiga em comum, usuária do mesmo site. "A gente se deu tão bem que com dez dias de conversa a pedi em namoro e ela aceitou de imediato", conta Thalison. Ambos partilham de uma situação em comum: ele é deficiente visual e ela, cadeirante.

O fato de serem deficientes físicos foi importante para que os dois se conhecessem, já que se inscreveram em um site de relacionamentos voltado para portadores de deficiência, o DeficienteSim. "Em nosso site, oferecemos recursos para que as pessoas se relacionem de forma gratuita e inclusiva", explica Anderson Macarrão, idealizador do site, que funciona desde 2012 e já tem 5 mil usuários cadastrados. "A paixão melhora a autoestima!", defende Anderson.

Embora ainda convivam com o preconceito, as pessoas com deficiência vivem um momento de inclusão afetiva e a cada vez maior integração social. "O amor inclusivo é uma realidade e cresce o número de relacionamentos entre portadores de deficiência", acredita o psicólogo especialista em integração de pessoas com deficiência, Fabiano Puhlmann. "Estamos vivendo a era da busca da qualidade de vida afetiva e sexual para todos." Thalison e Irinete, que se casaram seis meses depois de terem se conhecido pelo site, não encontraram preconceitos pelo caminho. "A família e os amigos sempre apoiaram o relacionamento, não há nada mais natural do que isso", diz o recém-casado.

Se a sexualidade ainda é um tabu na sociedade, o tema costuma ser menos discutido quando diz respeito à vida sexual dos deficientes físicos. É o que acredita Beth Carvalho, Coordenadora do Setor de Suporte entre Pares do Centro de Vida Independente do Rio de Janeiro. "O receio em falar sobre sexo é ainda maior para aqueles que fogem do padrão de beleza ideal. Na maioria das vezes, a sociedade trata e considera a pessoa com deficiência como um ser assexuado, o que é uma ideia muito equivocada", diz.

Os mitos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência ainda existem e são alimentados pela falta de informação e pelo preconceito. Fabiano afirma, no entanto, que 100% das pessoas com deficiência física têm condições de viver uma sexualidade normal e prazerosa. "No caso dos homens, por exemplo, o fantasma da ereção masculina nos lesados medulares foi vencido pelos avanços da urologia moderna", explica o psicólogo, que aponta o problema principal nesse caso: a autoestima. "Não é o caráter físico que impede que relações íntimas aconteçam, mas os fatores de natureza psicológica, as emoções e sentimentos ligados à própria deficiência, à autoimagem e à identidade", afirma o psicólogo.

> *"Na maioria das vezes, a sociedade trata a pessoa com deficiência como um ser assexuado, o que é uma ideia muito equivocada"*

Beth, que é também bailarina, sofreu um acidente de carro aos 23 anos que a deixou tetraplégica. Hoje, aos 50 anos, ela fala como a consciência do corpo é importante para a vida sexual. "O deficiente físico deve conhecer bem o próprio corpo e suas limitações, conversar com o parceiro a respeito e tomar as medidas contraceptivas necessárias, além de ter cuidados com as doenças sexualmente transmissíveis", diz a bailarina.

O importante, para ela, é reconhecer a sexualidade como uma possibilidade de prazer – e não como algo perdido por um preconceito e por ideias discriminatórias. A satisfação no amor e no sexo depende de como cada um encara essa questão. "Ser feliz não está atrelado à quantidade de orgasmos ou ao número de relações sexuais que uma pessoa tem, mas, sim, à capacidade desta em assumir o compromisso em ser, antes de tudo, feliz consigo mesma."

Sexo, dor e prazer

Dommenique Luxor fala sobre a experiência de ser dominadora profissional

Fabrício Nogueira

Chicotes, algemas e correntes. Esses objetos fazem alusão a uma verdadeira sessão de tortura, mas para algumas pessoas é sinônimo de extrema excitação. No caso da gaúcha Daniela de Paula, 37 anos, é possível unir esse prazer ao lado profissional. Mais conhecida como Dommenique Luxor, ela largou o emprego em um banco para se tornar uma das poucas dominadoras profissionais no país.

Em 2012, lançou o livro *Eu, Dommenique – Entre, feche a porta e deixe-se dominar* (Editora Leya Brasil) contando casos reais de algumas das sessões de Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo (BDSM), tipo de prática do qual é adepta. A sinopse diz: "a Domme decide e executa, o escravo serve e obedece física, mental e emocionalmente", revela a intensidade dos atendimentos prestados a seus clientes. De personalidade forte, a dominatrix se define como uma pessoa de atitude.

"Dominar eu sempre dominei em qualquer lugar. Sou uma mulher sádica e tenho prazer nisso." Para ela, o primeiro passo para ser uma dominadora é ter sensualidade. Além disso, é preciso assumir um personagem poderoso, sempre altivo, com um "drama" no olhar. "A vontade do parceiro não me importa, o que importa é ele me satisfazer." Dommenique conta que o homem que chega para ser dominado não se joga aos seus pés, mas na verdade, gosta de se sentir desafiado. No entanto, a base para um atendimento bem-sucedido é a confiança.

> *"Sou uma mulher sádica e tenho prazer nisso"*

O nome incomum surgiu inicialmente de uma necessidade "marqueteira". No exterior, o termo domme é utilizado para designar as mulheres que trabalham como dominadoras profissionais. Como gostava de Domenique, resolveu adotá-lo como nome artístico, mas duplicando a segunda consoante para ficar parecido com a denominação em inglês. Passados 10 anos desde que entrou na profissão, a dominatrix afirma que hoje tem relacionamentos estáveis e que seus clientes conhecem seus serviços e necessidades, por isso não cobra um valor específico em suas sessões.

Os atendimentos duram cerca de duas horas e o sexo só rola se ela sentir vontade no momento. Como foi uma das pioneiras no país, teve que se estruturar por conta própria e desenvolver ferramentas de divulgação para conquistar sua clientela. A dominadora conta ainda que não vive mais uma vida de luxo, mas consegue sustentar ela e o filho, de 12 anos, com seu próprio suor.

Traçando um perfil de seus clientes, que geralmente têm em torno de 40 e 50 anos, Dommenique os define em três tipos: o primeiro é o dos que se sentem poderosos buscando ultrapassar os próprios limites físicos. Tem também os que já experimentaram de tudo na vida e passam pelas sessões apenas pelo "barato químico", como ela mesma descreve. Eles querem ser torturados para depois ter a sensação de alívio. É a busca da satisfação por meio dar dor. Por último, têm os ansiosos – que, aliás, são os mais frequentes. "Geralmente são homens muito controladores", conta a Domme. "São pessoas que estão sempre mandando em seus funcionários, que precisam controlar a situação."

"A vontade do parceiro não me importa, o que importa é ele me satisfazer", conta Dommenique

Numa entrevista à revista Marie Claire, Dommenique confessou que teve problemas quando se assumiu como dominadora profissional. A maior dificuldade era o julgamento que fazia de si mesma e não propriamente o que as pessoas pensariam dela. "Depois fui me descobrindo e me abstraí do que se passava ao redor, da cultura que estava inserida, porque a resposta estava dentro de mim." Ela ainda encoraja as mulheres que têm vontade de se tornarem dominadoras. "Todas são livres para fazer as coisas do jeito que querem, para assumir os seus desejos e vontades", afirma a dominatrix. "Nós também temos fantasias sexuais. A mulher que não é satisfeita sexualmente é infeliz."

O que é o BDSM?

A prática BDSM reúne os elementos Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo. Para que as relações tenham equilíbrio e não se tornem verdadeiras sessões de tortura, outra sigla deve ser bem presente: o SSC. O termo significa São (de sadio e saudável), Seguro (de cuidado e segurança) e Consensual (já que os dois precisam acenar positivamente para que o ato aconteça).

No BDSM, é possível encontrar uma infinidade de práticas, fetiches e fantasias, que podem estar presentes dos mais diversos modos na sexualidade do casal. As pessoas costumam assumir papéis opostos de acordo com suas preferências. Uma pessoa sádica e dominadora normalmente se relaciona com outra masoquista e submissa, que tem prazer em ser controlada, humilhada ou sentir dor.

Ambas precisam sentir prazer e ter suas necessidades atendidas. É importante ter a consciência de que cada um tem o seu limite. Exatamente por isso, o casal precisa acordar previamente sua palavra de segurança que estabelece o limite, para finalizar a prática.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 12-13 17/01/2019 16:23:59

A “melhor idade” para casar

Casamentos entre pessoas com mais de 50 anos aumentou na última década

Gabriella Azevedo

Antônio Miguel, de 73 anos, e Josélia Antunes, com 69, se reúnem na sala do apartamento dela para escolher os convites do seu casamento, que acontecerá em alguns meses. Enquanto avaliam, o filho mais velho de Josélia, Felipe, insiste em dizer que “não tem necessidade de casar nessa idade”. Mesmo depois de meses de reclamação do primogênito, Josélia e Antônio partem para seus segundos matrimônios. O casal faz parte de um novo retrato da terceira idade brasileira: idosos que não interrompem sua vida amorosa após divórcios ou viuvez.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média de casamentos entre indivíduos com mais de 50 anos aumentou de forma espantosa entre 2000 e 2010, registrando crescimento de 55%. O casal, que pretende se casar em janeiro, também vai entrar para as estatísticas do instituto. “Tem gente que pensa que não tem motivo para casar, porque já somos velhos demais. Para a gente, é muito importante celebrar esse amor, não importa a idade”, se declara Antonio.

Apresentado numa mesa de bar em Copacabana, o casal é considerado o que especialistas chamam de “novos idosos”. Ambos trabalham, saem para bares e festas, e praticam atividade física. Juntos há quatro meses, os dois fazem parte dessa nova legião de idosos que não interrompe suas atividades por conta da chegada da terceira idade. Isso também inclui a vida amorosa e sexual.

No caso de Antônio e Josélia, logo que deixaram de viver seus relacionamentos anteriores, ambos sentiram que a vida amorosa e sexual havia acabado. “Assim que separei do meu ex-marido, jamais passou pela minha cabeça me envolver com outra pessoa, porque eu achava que era assim que tinha que ser. E tinha muita pressão também: meus filhos estranhariam, alguns diriam que eu não tinha mais idade para isso e que estava desrespeitando meu ex-marido”, revela Josélia, que depois percebeu que tinha muita vida pela frente. “Não dava para, com 61 anos, ser infeliz e esperar morrer. Eu queria viver muito ainda, e parte disso seria encontrar alguém para compartilhar a vida comigo.”

Acervo Pessoal

Antônio, com Josélia, na sua festa de aniversário de 73 anos. Casal se casa em janeiro de 2015

> *“Não dava para, com 61 anos, ser infeliz e esperar morrer”*
> Josélia Antunes

Ainda de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2000 e 2010 a média de divórcios entre pessoas acima de 50 anos cresceu 28%. Esse aumento é seis pontos percentuais maior que do que o registrado entre casais jovens, de 20 a 50 anos.

Para a psicóloga Cintia Magalhães, formada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com especialização em psicanálise e saúde mental, a ideia de que idosos têm medo e até vergonha de assumir que ainda querem manter laços amorosos vem acompanhada de um moralismo comum às gerações mais antigas, em especial às mulheres. “Obviamente, há repressões, ou seja, questões ligadas a uma moralidade completamente diferente das que vivemos atualmente, que deixaram marcas nesses sujeitos. Apresentam a marca cultural de uma época. Isso interfere diretamente no modo dessas pessoas se relacionarem entre si e com sua sexualidade”, explica.

Apesar desse conceito, a psicóloga garante que a ideia é infundada, e que idosos continuam desejando sexualmente outros parceiros. “A libido não envelhece, não se acalma. Ela se apresenta a todo instante”.

O casal Vera e Mauro Rezende, juntos há mais de 40 anos, é prova do que afirma a psicanalista. Ao contrário do que familiares e conhecidos pensam, os dois mantém a vida sexual ativa, com ainda mais intimidade que na juventude. De acordo com eles, o convívio e a maturidade contribuíram para aprimorar a relação. “Nós casamos muito jovens, e no início, eu tinha vergonha. Com o passar dos anos, fui perdendo isso, e hoje sou muito mais livre”, garante a aposentada.

Hoje, existe uma maior abertura para que as mulheres possam exercitar a sexualidade. “É comum nos depararmos com homens e mulheres de 50, 60, 70 anos muito ativos física e intelectualmente. Essas pessoas viajam, vão à academia, adiam suas aposentadorias, mudam de profissão. Além dos recursos da medicina, tudo aponta para uma mudança cultural e, consequentemente, de posicionamento diante de diversas questões”, explica Cintia.

Para ela, a transição é lenta e leva em conta os fatores pessoais de cada indivíduo, mas já é uma realidade. “Vejo na minha clínica mulheres idosas questionando suas relações e colocando suas insatisfações. Algumas conseguem transformar seus relacionamentos ou buscar novos. Para outras, é mais difícil. É importante entender que cada uma tem o seu limite interno e isso precisa ser respeitado também”, finaliza a psicóloga.

Amores em tempos de internet

Jovens cada vez mais encaram a web como ferramenta de paquera

Isabella Pavão

Mouses e teclados no lugar de beijos e abraços. Nos dias de hoje, é cada vez mais comum a aproximação das pessoas por meio da internet. O mundo virtual, que está repleto de sites de relacionamento, salas de bate-papo e mensageiros online, facilita o contato entre pessoas de diferentes lugares do Brasil e do mundo, e que talvez nunca fossem se encontrar na agitada vida real. Além de amizades verdadeiras, muitas pessoas conseguem transformar esses encontros virtuais em namoros reais e relacionamentos firmes.

Prova disso é o estudante Lucas da Silva, de 19 anos. Ele nunca havia vivido um namoro sério, mas tinha intimidade com a internet. Começou a usar a rede ainda novo, principalmente para pesquisas escolares. Depois, foi conhecendo pouco a pouco as outras utilidades que o mundo online oferecia, como os comunicadores instantâneos ICQ e MSN Messenger, e as redes sociais, como Twitter, Orkut e, mais adiante, o Facebook.

Mas foi no finado Orkut que sua história começou. Na comunidade do fã-clube de Britney Spears, mais exatamente, Lucas conheceu outro fã da cantora, João. Após muita conversa online, descobriram muitas coisas em comum. Então resolveram se conhecer pessoalmente e levar esse relacionamento para a vida real. Após meses de namoro, a distância e a falta de tempo acabaram por atrapalhar o relacionamento, e ambos optaram por terminar, mas sem mágoas ou ressentimentos.

“Infelizmente não deu certo para nós dois, mas é inquestionável que a internet tem um papel muito importante hoje em dia. Além de nos ajudar a estudar, a internet ainda nos ajuda a ‘desencalhar’”, contou Lucas, às risadas. Ele admite que não descarta uma procura por um novo amor online. “Minha prioridade no momento é a faculdade, mas se surgir alguém interessante, por que não?”

Mas a internet também pode contribuir para finais felizes. Sites como o Omegle.com e o Chatroulette permitem que os usuários conversem entre si anonimamente, e, caso seja de interesse dos dois, é possível o uso da webcam e microfone. Foi no Omegle que o casal Maria Luiza, de 23 anos, e José Eduardo, de 25, se conheceu e começou a conversar. Ela, do Brasil, e ele, de Portugal. Maria entrou no site para treinar seu inglês por indicação de uma prima, e José para ajudar o irmão mais novo em uma pesquisa da escola.

> *“Além de nos ajudar a estudar, a internet ainda nos ajuda a ‘desencalhar’”*
> Lucas, 19 anos

Os dois começaram a se falar por coincidência, já que o site redireciona os usuários aleatoriamente, mas foram tantos assuntos em comum que surgiu uma grande amizade. Para essa amizade virar amor foi um pulo, mas com apenas uma barreira: a geográfica. Problema que foi resolvido por José, que decidiu morar no Brasil. Atualmente, o casal tem uma filha e é dono de uma empresa em Minas Gerais.

“Resolvi que a minha felicidade estava aqui no Brasil, junto com a Maria Luiza. Hoje em dia, me divido em dois: pelo menos uma vez ao mês viajo a Portugal, para ver minha família que ficou por lá, mas não abro mão de viver aqui”

Um estudo divulgado recentemente pela revista americana *Seventeen*, feito com cerca de 10.000 jovens entre 16 e 21 anos, aponta que os ambientes virtuais têm impacto direto em eventos essenciais da vida deles, como o começo e fim de um relacionamento amoroso.

De acordo com a pesquisa, 79% dos entrevistados tentam um contato com seus pretendentes uma semana após encontrá-los no sistema. Já 60% revelam que espiam o perfil do alvo ao menos uma vez ao dia; os demais 40% o fazem diversas vezes. O mais curioso talvez aconteça depois do rompimento: 27% dos jovens bloqueiam ou apagam o contato do ex após o fim do relacionamento, enquanto 73% o mantêm na lista de contatos, apenas para continuar espiando o que o outro anda fazendo.

As histórias de amor nascidas na internet podem tomar rumos diversos, felizes ou não, mas quem quiser apostar nesse “Namoro ou Amizade” virtual deve tomar alguns cuidados. Entre eles, procurar marcar sempre os encontros em lugares públicos e nunca passar dados pessoais importantes para desconhecidos.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 14-15 17/01/2019 16:23:59

“Aqui você joga o cabelo e bate com o salto no chão”

Cresce o mercado de cursos voltados para a “arte da sedução”

Julia Medina

O ideal da noiva virgem foi substituído pela liberdade das pílulas anticoncepcionais – e, logo, pela camisinha, agora também nas bolsas das mulheres. O chá de panela foi trocado pelo chá de lingerie. Sexo e casamento já não andam, necessariamente, juntos. Filmes pornôs agora são pensados especialmente para o público feminino. Foi-se o tempo da mulher que não se preocupa com seu próprio prazer. E se muito já foi conquistado em termos de direitos, a mulher agora luta pela sua realização sexual. Após séculos de repressão, ela começa a perguntar – e aprender mais – sobre sua sexualidade e sensualidade.

E haja sensualidade. Numa sala equipada com duas barras de pole dance, luz vermelha, olhares, rebolados, jogadas de cabelo, salto alto, pernas para o ar e acrobacias: um verdadeiro show, cuja platéia é a própria mulher, se olhando no espelho.

“Os cursos relacionados à saúde sexual indicam não só a maior liberdade sexual da mulher, mas também o desejo por mais conhecimento. Devemos lembrar que sexo também é cultura e que uma relação amorosa apimentada é um dos maiores entretenimentos até hoje”, comenta Celine McGuire, especialista nas artes da sedução e criadora do site Deusa do Amor,

A pole dance, que além de ser um ótimo exercício físico, é apenas uma das atividades que se encaixam no mercado crescente da “arte de seduzir”. Striptease, massagem erótica, massagem tântrica, pompoarismo, lap dance (dança no colo), chair dance (dança na cadeira), floor work (trabalho de chão) e, até, sexo oral, estão entre outras opções. O público, majoritariamente feminino, leva a questionar o quanto essa proporção representa uma liberdade sexual maior da mulher ou apenas a busca de uma novidade para agradar o parceiro.

Acervo pessoal

Anna Beatriz Siqueira largou a faculdade para se dedicar ao pole e hoje tem seu próprio estúdio

“Algumas alunas vinham porque queriam satisfazer o namorado, mas o que elas logo percebiam é que as aulas eram boas não só para satisfazer o outro, mas elas mesmas”, conta Isis Ahava, idealizadora do Curso de Sensualidade, que oferece aulas de danças sensuais, dança do ventre, pompoarismo, massagem, além de palestras sobre a ciência da sedução.

“É preciso desmistificar que as mulheres fazem a aula para agradar o homem, porque mesmo que elas cheguem com esse objetivo, elas acabam fazendo a aula porque mexe com a autoestima delas”, confirma Anna Beatriz Siqueira. Ela largou a faculdade de Letras para se dedicar à pole e hoje, além de participar de competições, tem seu próprio estúdio onde ministra suas aulas. “Quando você se supera num movimento da pole, você acaba se superando no quarto também”, completa.

A história da aluna e professora de pole dance Vanessa Trindade confirma a tendência: “Comecei a aula de pole porque o meu namorado sugeriu que eu fizesse uma apresentação”. No fim das contas, Vanessa gostou tanto da atividade que acabou se tornando professora, enquanto o namorado ficou sem a dança. “Eu era tímida e a dança me ajudou a ganhar confiança”, conta Vanessa. “É um trabalho de fora para dentro, que é corporal a princípio, mas trabalha o interno também. A mulher passa a se analisar no espelho e se admirar na hora da dança”, concorda Ísis.

Muitas tiveram de enfrentar o medo do julgamento da sociedade. Ísis dizia que dava aulas de dança do ventre apenas. Vanessa contou ao pai que fazia aulas de ballet para evitar o preconceito. Érica Nascimento, também aluna de pole dance, mentia para o pai que ia para as classes de dança, sem dar detalhes. “No começo, tive receio. Fazer uma atividade que sofre preconceito por ser algo ainda relacionado a strippers e prostitutas é uma libertação. Grande parte da sociedade ainda é machista”, acredita Érica. Hoje, ela tem sua própria marca de camisetas voltadas para o segmento, a “Pole’s Friends”.

Anna Beatriz também sofreu com o machismo na família: “Eu fazia letras na PUC-Rio e larguei tudo. Meu pai tinha vergonha e dizia aos amigos que eu dava aula de ‘fitness’. Com o tempo, ele começou a ver que eu era muito boa no que fazia e mudou sua mentalidade. Hoje ele me apoia muito”, conta.

Vencidos os preconceitos dentro da família, ainda é preciso superar algumas barreiras. “A mentalidade está mudando, mas ainda há machismo. A pole é associada à dança de boate, mas não é só isso. É uma dança sensual, não se pode negar, mas não é um sensual feio, é doce. Sensual é diferente de sexual. A questão é não vulgarizar”, acredita Anna Beatriz. “Aqui você joga o cabelo e bate o salto no chão.Pole é transgressão”, finaliza.

Você se masturba?

Por que essa simples pergunta deixa quase todas as mulheres envergonhadas?

Júlia Quinan

A masturbação feminina ainda é tabu. Duvida? Faça uma pesquisa no Google com os termos “masturbação feminina pecado”: são mais de 48 mil resultados. Além de vista como errada, essa prática é praticamente invisível, já que são poucas as mulheres que se dispõem a discutir esse tema.

“O menino maneja seu pênis várias vezes ao dia. Isso o deixa mais tranquilo e torna esse ato uma coisa natural”, explicou Carmita Abdo, coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade da USP (Prosex), em entrevista ao Uol Comportamento. Carmita também participou do desenvolvimento da pesquisa Mosaico Brasil, realizada pelo Prosex em 2008.

Segundo o estudo, cerca de 40% das mulheres nunca se masturbaram. Para a psicóloga, sexóloga e doutora da Universidade Estadual de Maringá (UEM) Eliane Maio, isso se deve a uma educação sexista. “Homens, geralmente, são incitados desde pequenos a se tocarem, apreciarem o sexo oposto... Meninas não são educadas assim. Devem ser reservadas, pudicas, não manifestarem desejos sexuais, muito menos se tocarem”, expõe a pesquisadora.

Priscila*, estudante de Ciências Sociais, 22 anos, conta que sempre se masturbou, mas que aos 5 ou 6 anos descobriu de fato o que fazia. “Nessa época eu era muito próxima de uma prima e fizemos várias descobertas juntas. Por conta disso, fui chamada de aberração pelos pais dela, que disseram que aquilo era errado e nos afastaram”, lembra a moradora da Tijuca. Segundo Priscila, o tema era comum no colégio: entre as amigas, perguntavam umas às outras: “Como é a sua?” Mas não havia um viés erotizado. Enquanto a jovem tinha uma relação tranquila com os pais, que respondiam sobre tudo e inclusive lhe davam acesso ao “pote de camisinhas” desde muito nova, sua realidade não é a regra.

Intervenção feita na Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Eu me toco desde os 16 anos. Acho que foi tarde, desde que naturalizei essa questão percebo que as meninas costumam começar mais cedo, algumas fazem desde crianças”, revela a estudante de Serviço Social, Silvia, de 21 anos. Ela descobriu a masturbação sozinha “Na infância, eu passava muito tempo com meus tio-avós, que me criavam de uma maneira muito antiga: não me permitiam nem ver beijo na novela. Um dia, vi uma cena de filme mais quente e percebi que tinha algo entre as pernas. Comecei, então, a sentir aquelas coisas, a me tocar”. Pouco tempo depois, Silvia entrou para a Igreja Nova Vida. Por culpa, tentou parar de se masturbar. “Não se falava sobre isso. Mesmo como pecado, apenas se abordava a masturbação masculina. Era como se a feminina não existisse!”, observa. Por nunca ter namorado, sentia que era castigada por Deus, que não lhe dava um “varão” porque a masturbação ia contra a vontade dele.

Ao mesmo tempo em que Silvia até hoje tem dificuldades em aceitar a prática como normal, Priscila a tem mais naturalizada que nunca. “Concordo com Foucault: sexo é poder. Em uma sociedade machista e patriarcal, regular o prazer feminino é regular o feminino e, consequentemente, as mulheres. Não faria sentido termos uma sociedade com mais liberdade sexual quando existe uma cultura do estupro, dupla jornada de trabalho e questões semelhantes”, teoriza a futura cientista social.

O Prazer feminino em números

Esse tabu em torno da sexualidade feminina faz com que muitas mulheres não tenham conhecimento dos benefícios que a masturbação pode trazer para sua saúde, como o fortalecimento do assoalho pélvico, melhora na produção de secreções, resistência à candidíase, redução dos sintomas da TPM, alívio de dores nas costas e aumento do fluxo sanguíneo para a região pélvica.

A prática também ajuda a prevenir infecções do colo do útero e a aliviar infecções do trato urinário, combate a insônia, melhora o humor, alivia sentimentos depressivos e fortalece a relação consigo mesma e com parceiros.

A masturbação é, ainda, fator importante para uma vida sexual satisfatória. Especialistas apontam que mulheres que não se tocam têm sua vida sexual afetada, apresentando, por exemplo, mais dificuldade para atingir o orgasmo. Isso é bem grave, se levarmos em consideração um estudo conduzido na Universidade de Chicago por Edward Laumann, que apontou que apenas 29% das mulheres atingem o orgasmo com seus parceiros. Por outro lado, 61% delas conseguem chegar a ele ..por meio da masturbação.

**Nomes modificados para preservar a identidade das entrevistadas*

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 16-17 17/01/2019 16:23:59

Sexo sem-vergonha

Aumenta a procura por Sex Shops para apimentar o relacionamento a dois

Prudutos variados e novidades atraem homens e mulheres que não tem mais vergonha de procurar produtos de Sex Shops para apimentar a relação

Laura Freitas

Foi-se o tempo em que Sex Shops não faziam parte da rotina dos casais. Isso é o que afirmam os donos das lojas de acessórios sexuais mais badaladas do centro do Rio de Janeiro. "O público é muito variado, vem homem, vem mulher, e já entram sabendo os prodque querem", afirmou Joselita, vendedora da Rosa Sex Shop.

A Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico e Sensual (Abeme) confirma que o mercado de produtos eróticos no Brasil cresce em ritmo acelerado, cerca de 15% ao ano, e movimenta 1 bilhão de reais. O país tem mais de 30 fabricantes, 50 distribuidores e 10 mil pontos de venda, entre sex shops, lojas de lingerie, lojas virtuais e outros estabelecimentos que oferecem produtos sensuais.

Há mais de 20 anos no mercado, a Rosa Sex Shop é uma das mais tradicionais do Rio de Janeiro no setor. Seu interior tem ares de cabaré e os vendedores deixam os clientes bastante a vontade. Segundo Joselita, até para tirar dúvidas as pessoas já estão mais desinibidas. Entre os jovens, ela diz que o óleo Fogo e Gelo é o mais vendido e que vibradores vendem bastante também.

> *"Com a menopausa, diminui a lubrificação da mulher, por isso acho que sai tanto gel. Tenho clientes mensais"*
>
> Eduardo Paes, empresário

Proprietário da Imagine Player Sex Shop, na rua da quitanda, Eduardo Paes conta que sua loja é mais voltada para a necessidade da mulher moderna que não abre mão do poder da sedução. A loja, que tem um ambiente simples, oferece lingeries, DVDs, livros, velas e tem os géis como líder de vendas. "O gel lubrificante com anestésico é o que mais sai disparado. Mas o comestível e os funcionais saem bastante também", afirma o empresário. Para ele a questão da menopausa pesa. "Com a menopausa, diminui a lubrificação da mulher, por isso acho que sai tanto gel. Tenho clientes mensais."

Tânia Andrade, dona da Tentação Sex Shop, também no centro da cidade, diz que o Dia dos Namorados e o Dia do Sexo são os mais movimentados. "Atualmente, a loja é mais frequentada por casais. Antes eram só mulheres", relata. Na Tentação, os géis também são os mais vendidos.

Violação da intimidade

Jovens têm suas vidas alteradas após vazamento de fotos íntimas

Laura Marrafon

Pornografia de vingança: vídeos e fotos são divulgados na internet, levando muitas mulheres á depressão e até ao suicídio

Fragilizadas e expostas, elas tiveram o íntimo transformado em público, sem permissão ou aviso. Julia, Giana, Thamiris e Fran são quatro meninas com vidas diferentes, mas que partilharam da mesma história, foram vítimas da Pornografia de Revanche. O termo é utilizado para descrever a publicação de conteúdos particulares, como vídeos e fotos, sem consentimento prévio. No caso das jovens, a violação de direitos partiu dos seus namorados ou conhecidos. Duas delas contornaram o sofrimento, outras duas preferiram a morte.

A estudante de Letras da Universidade de São Paulo-Thamiris Sato não se calou, a resposta aos atos de seu ex-namorado veio pelo próprio meio utilizado contra ela, o Facebook. A jovem postou em sua página um desabafo explicando a situação. Tudo começou na madrugada de 31 de outubro, relata. "Ele postou uma foto minha nua no Facebook. Passei a madrugada aos prantos. Pensei que aquela seria a pior noite da minha vida, mas não." No dia 15 de novembro, o ex-namorado postou outras algumas tiradas enquanto ela dormia. Além das consequências psicológicas, Thamiris teve sua vida drasticamente alterada e trancou o curso por conta do medo das ameaças do namorado. Além dos casos notórios que tomaram a mídia, muitos outros continuam desconhecidos e sem punição devida. Seja pelo medo ou pela preferência do anonimato, muitas vítimas ainda se calam. Em uma pequena cidade do interior de São Paulo, M., de 24 anos, teve suas fotos expostas também nas redes sociais. As imagens estavam em seu computador e vazaram pela rede. "Foi tudo complicado, não sei quem foi o responsável por vazar as fotos e em uma cidade do interior tudo toma proporções maiores. Preferi não levar adiante", relata.

Diante da falta de leis, grupos de apoio à vitima se popularizam

Em termos de legislação, o crime se enquadra em artigos, porém não existe uma penalidade específica. Algumas iniciativas com esta finalidade já circulam pela Câmara. O deputado Romário apresentou um projeto que criminalizando a divulgação de fotos, imagens, sons e vídeos com cena de nudez ou ato sexual sem autorização da vítima. A pena estipulada seria a detenção de um a três anos, além da multa. Ainda transitam na câmara projetos de autoria do deputado Sendes Júnior do PP de Goiás e da deputada Eliene Lima, filiada ao PSD do Mato Grosso.

Grupos de apoio incentivam o empoderamento da mulher

Frente a esta situação, muitos movimentos vêm ocorrendo na tentativa de minimizar as consequências destes atos ou pelo menos oferecer apoio às vítimas.

Um grupo de meninas de Santos, São Paulo, criou um aplicativo de ajuda. O "For You" é um canal de combate ao *slut shaming*, prática que condena a mulher por certos comportamentos sexuais, e de apoio mútuo. O lema do movimento é "se eles usam aplicativos para nos humilhar, nos revidamos usando aplicativo para nos empoderar e organizar".

Também no Facebook, foi criada uma página de apoio a Fran, garota hostilizada por suas fotos íntimas que cairam na rede. A comunidade de "Apoio a Fran" tem mais de 30 mil curtidas. Além de ajuda, a página tem objetivo de denunciar este tipo de ação.

Como estas duas páginas, diversas outras surgem todos os dias sempre com o lemas do feminismo e defesa dos direitos da mulher.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 18-19 17/01/2019 16:23:59

Radar ligado para... o amor?

Romance e sexo casual podem ser aproveitados com novidades tecnológicas

Letícia Amorim

Os celulares já passaram pela época dos torpedos, de jogos pixelados e da novidade da câmera de três megapixels embutida na parte traseira. Hoje em dia eles são uma ferramenta para encontrar um amor ou pelo menos um romance casual.

É preciso de apenas três recursos para explorar o que os aplicativos de paquera oferecem: conexão com a internet, sistema de geolocalização (GPS) ligado e um perfil. Tinder, Grindr e Brenda são exemplos desses aplicativos que oferecem ao usuário a oportunidade de encontrar alguém que ache interessante e queira conversar.

A diferença entre os três está na forma como isso pode acontecer e com que objetivo a maioria das pessoas o utilizam. Grindr e Brenda são exclusivamente para o público homossexual, sendo o primeiro para o masculino – onde a grande maioria dos gays buscam apenas sexo – e o segundo para o feminino – com boa parte voltada a conhecer outras garotas por diversão mas que não descartam um relacionamento mais sério. Já no Tinder, o dono do perfil pode escolher entre buscar apenas homens, apenas mulheres ou os dois – e aqui predomina a procura de encontros casuais, sem muitas expectativas de um namoro.

A popularidade desses aplicativos começou no ano de 2013 e fez com que boa parte dos jovens aderisse ao "jogo". O Tinder se diferencia dos outros dois pelo modelo de interação que ele oferece: um perfil aparece por vez e, após ver as fotos disponíveis, a pessoa opta por "curtir" ou não. Nenhuma das alternativas será avisada ao dono do outro perfil, a não ser que o botão do like seja escolhido pelas duas partes e a frase "It's a match!" apareça na tela, o que significa que os dois podem iniciar uma conversa no próprio chat que a ferramenta oferece. Isso evita o medo de ser ignorado e não impede que pessoas tímidas encontrem alguém para se relacionar. Já nos outros dois, mensagens podem ser enviadas a qualquer momento e para qualquer pessoa. O GPS também é outra característica diferente.

Enquanto o Grindr e o Brenda mostram as pessoas de acordo com o que o aplicativo considera próximo, no Tinder você escolhe a distância que pretende usar para achar alguém, que varia de 2km até pouco mais de 150km. Os três estão disponíveis gratuitamente para os sistemas Android e IOS.

Jovens dedicam várias horas do dia aos aplicativos e, em troca, esperam conhecer alguém

TINDER

Os resultados instantâneos são atrativos. Foi isso que levou Thaís X, estudante de 21 anos, para o mundo do Tinder. O download do aplicativo tinha apenas um motivo: encontrar turistas de outros países que estivessem no Brasil durante a Copa do Mundo de 2014. "Eu queria conhecer gringos e fazer amizade com eles, assim treinava meu inglês. Mas não fiquei com nenhum. Alguns estão no meu Facebook, mas é só", contou. A moça, que mora no Rio de Janeiro, estava na casa dos pais em Brasília no mês de junho. Mas acabou reencontrando um antigo amigo: "Achei o Ítalo no aplicativo e, quando eu cliquei no like, aconteceu a combinação. Fiquei muito feliz". Thaís conhecia o rapaz, de 23 anos, há alguns anos e havia conversado com ele pelo Facebook dois meses antes de encontrá-lo no Tinder.

A história de Thaís começa em março, quando Ítalo passou a curtir vários posts e fotos que ela colocava na rede social. Porém, só foram se falar em abril. Uma conversa longa, que não se repetiu. "Estava na cara que ele estava afim, mas ele só puxou assunto daquela vez e não falou mais nada. Eu não fui atrás e ficou por isso mesmo", disse. No mês seguinte era o aniversário da moça e o Ítalo enviou um texto que a conquistou.

O encontro só veio a acontecer em junho, com a ajuda do Tinder. "Dois dias depois do match, marcamos de ir para um barzinho e conversamos por cerca de sete horas. Saí no fim da noite achando que tinha conhecido o homem da minha vida", declarou a estudante. O beijo não aconteceu, mas eles continuaram se falando direto. "Só na segunda vez em que nos vimos que rolou. Aconteceu três dias depois do primeiro encontro. Ele estava em uma festa e eu em outra, mas fui encontrá-lo" disse Thaís. "Já era madrugada e eu precisava dizer algumas coisas que estavam me deixando confusa."

> *"Acho que é a comodidade e a curiosidade que levam as pessoas a baixarem. Enquanto você está desarrumada em casa, pode estar flertando com alguém"*
> Thaís

"Fui me apegando a ele, mas em pouco tempo eu voltaria para o Rio. Isso me deixava triste." Foi o que Thaís lembrou quando sentiu que um relacionamento poderia estar a caminho. E isso logo aconteceu. Alguns dias antes da sua viagem, o pedido de namoro foi feito e ela aceitou. Hoje, com cinco meses completados, ela mostra uma aliança na mão direita e diz que recebeu com quase dois meses de namoro. "Ele não teria me chamado para sair se não fosse o Tinder. Foi esse aplicativo que tirou a sua insegurança", falou. Os amigos reagem com surpresa ao saber a história do casal, que vive de ponte aérea e se vê uma ou duas vezes por mês, e muitos também usam o mesmo método para encontrar alguém. Thaís opina sobre as vantagens do aplicativo: "Acho que é a comodidade e a curiosidade que levam as pessoas a baixarem. Enquanto você está desarrumada em casa, pode estar flertando com alguém".

Como é a exibição do perfil e a janela de combinação quando duas pessoas se curtem no Tinder

GRINDR

Para João Y, de 22 anos, o que estava instalado no seu celular tinha outra utilidade. "Acho que o principal uso é para sexo casual, que eu já fiz várias vezes e o aplicativo funcionou super bem", explicou. "Eu procurava me envolver com alguém, mas nada sério."

Foi no Grindr, uma ferramenta que os gays exploram bem mais para o encontro descompromissado e o sexo fácil, que João encontrou Gustavo, de 18 anos. Ele diz que dois dias de conversa foram suficientes para acontecer o primeiro encontro. "Deletei o aplicativo logo depois para saber no que ia dar", disse.

Dois meses se passaram até que o relacionamento sério se tornasse oficial. Para João, algo imprevisto: "Eu não achava impossível encontrar um namorado, mas não era exatamente o que eu estava procurando. Fiquei bastante surpreso em me apaixonar por alguém que encontrei no Grindr, e as pessoas que me conhecem também. Mas reajo com naturalidade à curiosidade dos outros".

Ao longo dos quatro meses de namoro, ele acha engraçado a maneira como as coisas aconteceram e na paixão que resultou do encontro com Gustavo. "Funcionou para algo a mais, mas quanto a isso ele não só atendeu as minhas expectativas como as superou."

> *"Acho que o principal uso é para sexo casual, que eu já fiz várias vezes e o aplicativo funcionou super bem"*
> João

BRENDA

Com o fim de um relacionamento de três anos, Débora Z, bacharel em Biologia e 22 anos, falava para as amigas que nunca mais iria namorar porque não sabia onde conhecer meninas lésbicas. A fala era em tom de brincadeira e, do mesmo jeito, as amigas comentaram sobre a existência do Brenda. "Ri do aplicativo e cheguei à conclusão de que ele não era uma boa opção para achar alguém, mas mesmo assim continuou instalado. Era usado bem mais na brincadeira do que na busca por algo sério", esclareceu.

Mas uma conversa, ainda no ano de 2013, mudou o rumo das coisas. Débora conheceu Taynnara, estudante de Administração e com a mesma idade que a sua. As duas trocaram mensagens por longos 17 dias antes que o primeiro encontro pudesse sair dos planos. "Ela já havia me convidado inúmeras vezes para sair e eu negava, mas resolvi encontrá-la e fomos tomar uma cerveja", confessou. O primeiro encontro só rendeu conversa. Após acontecer, Débora não teve dúvidas que queria repetir: "No dia seguinte a convidei para me encontrar em um bar onde um amigo estava comemorando o aniversário, e no fim da noite ficamos pela primeira vez".

Depois disso, as duas se aproximaram ainda mais e sempre se encontravam. Débora continuava recebendo mensagens e algumas palavras eram trocadas com outras meninas, mas nada que chegasse perto de querer sair e conhecer pessoalmente.

Taynnara também havia terminado um longo relacionamento, de quatro anos, então no primeiro momento a intenção não era namorar. Mas a frequência com que se viam e conversavam fez com que os cinco meses, desde a primeira conversa, culminassem com um pedido de namoro.

Não diferente de outras pessoas, Débora também se surpreendeu com o que se concretizou através de um aplicativo: "Ele foi baixado na mais pura brincadeira. Nunca imaginaria que eu realmente pudesse encontrar alguém com quem eu sairia, ficaria e namoraria. Às vezes nem eu acredito que a 'menina do Brenda' agora é minha namorada", contou aos risos.

Pela falta de crédito que as pessoas demonstravam no relacionamento das duas, houve um momento em que conversaram sobre uma nova história a ser contada. "Uma vez eu e minha namorada brincamos que precisaríamos inventar uma história diferente para o começo do relacionamento e dizer quando perguntassem. Mas era apenas brincadeira mesmo." O motivo que levou a se divertirem com isso, ela explica: "Algumas pessoas parecem acreditar que o relacionamento tem menos credibilidade porque começou com um aplicativo, o que não é verdade".

No Brasil

O país é o 3º maior mercado para o Tinder, 4º para o Brenda e 6º para o Grindr

A popularização do Grindr aconteceu em 2010, enquanto Tinder e Brenda em 2013

Estima-se que durante a Copa do Mundo de 2014 o número de usuários do Tinder aumentou em 50%

Uma pesquisa com quatro mil entrevistados mostra que, para 68% deles, instalar o aplicativo sendo comprometido é traição

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 20-21 17/01/2019 16:24:00

Defesa da castidade! Ainda existe?

Movimento “Eu Escolhi Esperar” demonstra que há jovens com esses ideais

Foto: Renato Machado

O pastor Nelson Júnior, fundador do movimento, junto aos seus seguidores em uma de suas reuniões na cidade de São Gonçalo, onde tem um público cativo

Marcele Cristina F. Cunha

“Eu Escolhi Esperar! Pois esta é a Vontade de Deus!” Assim se apresenta o movimento que, a cada dia, tem atraído milhares de jovens com um mesmo ideal: relacionamentos resistentes a tentações, preservando o sexo, e até o beijo, para só após o casamento. Eu Escolhi Esperar (EEE) promete levar valores aos jovens que, atualmente, se encontram com ideais “imorais e devassos”, que abandonaram costumes e princípios básicos para uma vida sana e honrada, segundo seus organizadores. Eles acreditam que a escolha por esperar seria benéfica para sociedade de modo geral, diminuindo as taxas de gravidez na adolescência, divórcios, abusos infantis, abortos e infecções por doenças sexualmente transmissíveis.

A Campanha surgiu na cidade de Vila Velha, no Espírito Santo, com um simples post no Twitter pelo pastor da Igreja em Vitória, um segmento da Igreja Universal, Nelson Júnior, 37 anos, com a hashtag #EuEscolhiEsperar. Lançado em março de 2011, após três anos já tem 408 mil seguidores na rede social inicial, 389 mil no instagram e 2.543.093 seguidores no Facebook, números que só crescem dia após dia.

Maria Emília, católica, 15 anos, conheceu o movimento pela internet, mas foi quando viu uma amiga da escola utilizando uma pulseira com a frase “Eu Escolhi Esperar” que se interessou por saber o que significava. Já Lorena, 14 anos, evangélica, chegou ao movimento através da amiga. Contaram que desde sempre foram imersas de ideais e valores distintos aos que muitos jovens da atualidade têm adotado e que, ao saberem que existia o EEE o acolheram logo, pois se sentem diferentes da parcela liberal da sociedade e adoram o fato de poder estar em contato com pessoas que compartilham dos mesmos pensamentos.

> *“A escolha por esperar é benéfica para sociedade, diminuindo as taxas de gravidez na adolescência, divórcios, abortos e infeccções por DSTs”*

A ideia do movimento é a espera para ter relações sexuais apenas com a pessoa designada por Deus para que o casal passe o resto de sua vida junto. Isso implica em certas limitações durante a relação: a resistência às tentações vai até mesmo aos calorosos beijos na boca.

Roberta, também evangélica, 22 anos, defende o movimento: “Não se trata apenas de pregar pela virgindade até o casamento, mas sim do ideal do encontro da pessoa certa, que vai contra a ideia de casos passageiros.”

Nelson Junior prega aos jovens que é preciso desvincular a diversão da perversão. Homens e mulheres podem se relacionar bem sem se tocar, até encontrar a pessoa que tenham certeza de que é aquela que desejam para sempre e formalizar isso através de um casamento. Experiências que o fundador do movimento, Nelson Junior, hoje casado com Ângela e pai de duas meninas, Ana Carolina e Milena, relata ter passado em sua juventude, enquanto solteiro, e que fundamentaram sua vida, a qual sugere como um ideal.

Com o lema “Quem ama espera”, a campanha conquista jovens como o casal de namorados evangélicos, Luciara de 17 anos e Thiago, 25. “Ser cristão não é ser bitolado, no EEE nós aprendemos a pensar. Não somos caretas porque fizemos uma escolha, escolhemos a quem e porque nos entregar”, diz Tiago.

Gabriela, evangélica, 20 anos, ao lado do namorado, que conheceu em uma das reuniões do EEE, também comenta: “Conheci o movimento pela internet em 2012 e me reconheci nele, então decidi adotá-lo para minha vida. Encontrei uma pessoa que também segue os mesmos ideais, acreditamos que a credibilidade da campanha não se funda somente na vida do seu criador, mas nas palavras que ele encontra na Bíblia e adequa ao novo mundo”.

Eu Escolhi Esperar se define como uma campanha cristã ecumênica que atua em duas áreas específicas: sexualidade e vida sentimental. “O objetivo é encorajar, fortalecer e orientar aos adolescentes, jovens e pais sobre a necessidade de viver uma vida sexualmente pura e emocionalmente saudável, valorizando a importância de saber esperar o tempo certo, a pessoa certa e a forma certa de viver o amor e o sexo da melhor maneira.” O movimento mobiliza pessoas de todas as religiões para escutar suas palestras e participar dos seus eventos. Independente do credo, todos têm ou devem ter afinidade com os preceitos da Bíblia.

Foto representativa das alianças do movimento Eu Escolhi Esperar, símbolo da campanha que defende o sexo após o casamento.

A primeira palestra ocorreu em julho de 2011 na Cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro. O sucesso foi tamanho que Nelson iniciou uma temporada de seminários separados por níveis, são eles: nível 1, “Movimento Cristão”; nível 2, “Lutas, Dilemas, Vida Sentimental e Sexualidade”; nível 3, “Como saber escolher”; nível 4 “Cansei de Esperar!”; e atualmente está no nível 5 com o tema “Amor e Sexo”.

As reuniões acontecem, semanalmente, em distintas cidades e tanto cresce o movimento que já chegaram a ir até mesmo ao Reino Unido. Além dos seminários, o movimento promove o EEE Fest, um encontro de oração, pregação e muita diversão para os jovens que dançam e cantam músicas em diferentes ritmos com letras bem sugestivas sobre os ideais que a campanha prega.

> *“O movimento traz ideias de um namoro extremamente respeitoso, onde não existe contato nem de um beijo”*
> Yuri, 22 anos

Nelson é pastor e os encontros geralmente são feitos em igrejas evangélicas, isso talvez explique a grande quantidade de evangélicos no movimento. Entretanto, é frequentado por outros cristãos. A proximidade de Nelson com o público tende a ser a principal ferramenta para o crescimento do movimento. Com frases como: “Você que sempre se sentiu diferente no mundo, vê que a vida de todos ao seu lado está dando certo só a sua não” e “Deus é um Deus de recomeço, de novas chances”, Nelson toca o coração dos mais diversos seguidores.

As redes sociais estão sempre atualizadas com mensagens, vídeos e fotos de motivação e carinho. O integrantes do movimento vendem livros e acessórios. Ester, 17 anos, evangélica, nunca participou de nenhuma reunião. “Acompanho e conheci o movimento pela internet. Para falar a verdade, acho que o ideal que eles seguem é algo que é totalmente individual e eles só estão tentando te mostrar, ensinar toda a ideia que envolve o projeto. Então, antes de conhecer já seguia o que eles querem levar para os jovens. Compartilho da mesma ideia desde sempre e é interessante fazer parte de um grupo que pense o mesmo.”

A música oficial do EEE reflete bem a ideia que o movimento pretende incutir nos seus seguidores, dizendo, “Não me importo se as pessoas zombam da minha decisão. Ninguém nunca me obrigou a escolher essa opção. Eu escolhi por amor não por agradar aos outros. Não me vendo para este mundo muito menos por tão pouco”.

Yuri, 22 anos, evangélico, desde pequeno foi criado em um lar cristão. Declara ter se mantido, por um certo tempo, “desviado” mas, há uns dois anos, enquanto estava nesse processo de retorno a vida cristã, esteve em um congresso religioso na cidade de Anápolis, no estado de Goiás, onde Nelson Junior era um dos pregadores. Até então não o conhecia, tampouco ao movimento.

A partir desse dia, Yuri diz ter se identificado com o EEE e começou a acompanhar a campanha pela interrnet. “O movimento traz ideias de um namoro extremamente respeitoso, onde não existe contato nem de um beijo que um casal ‘normal’ daria, gerando, consequentemente, um casamento de bons frutos, fundamentado em princípios bíblicos.

No EEE, tanto a mulher quanto o homem, por meio de seminários, aprendem como esperar o momento certo para se relacionar. As ideias do pastor não são tiradas diretamente da Bíblia, mas levam aos ensinamentos que ela propõe. “Não quer dizer que quem se submete a todos esses propósitos está livre da tentação, mas, compartilha ideais que só tendem a trazer bons resultados para a vida das pessoas”, afirma Nelson Junior.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 22-23 17/01/2019 16:24:00

“Não existe só homem, mulher e gay”

Estudante conta a experiência que viveu ao amar um homem hetero

Matheus Guedes

Nem sempre as histórias de amor são como gostaríamos. Incompatibilidades e incertezas povoam as paixões mais intensas. Aos 26 anos, o estudante carioca Tiago Padilha é personagem de um desses encontros e desencontros amorosos. Em um intercâmbio em Portugal, entre 2012 e 2013, ele viveu seu mais conturbado relacionamento. O par era outro homem. Mas “o francês louco” não era gay e não sabia lidar com o amor entre os dois. “De vez em quando ele tinha vontade de ficar com uma mulher”, recorda. Na conversa que se segue, Tiago conta como foi para um gay se apaixonar e se envolver com um heterossexual e as dificuldades pelas quais passou.

Tiago Padilha viveu em Portugal sua história de amor mais marcante, com um par inesperado

Como era a amizade entre vocês?

Era fofo. O olho dele brilhava quando me via. Eu sentava nos lugares e ele já sabia o que eu ia pedir, completava as minhas palavras, minhas frases. Era muito doido, porque ninguém nunca me conheceu assim, nem eu nunca conheci ninguém assim. Eu sabia as piadas que ele ia fazer, a gente ria das mesmas coisas. Começamos a adquirir os hábitos um do outro. No início ele era muito egocêntrico e fechado, não dava a menor trela para as pessoas. No final, ele brincava do jeito que eu brincava, falava as minhas piadas. Ele me levava para casa quando eu estava bêbado, cuidava de mim, me carregava no colo, não deixava ninguém chegar perto de mim.

O que aproximou vocês dois?

O francês louco era meu amigo e não era gay. Acho que o processo foi motivado pela carência, pelo desejo, pela vontade de estar perto, porque até então ele gostava de uma garota. Ela foi embora, e a gente ficou muito próximo e fazia tudo junto, literalmente. A gente cozinhava junto, dormia junto e se abraçava. Foi uma nova forma de pensar para mim. Nem sempre acontecia algo, mas tinha sempre alguém que se preocupasse comigo, que me desse carinho.

Como era se relacionar com alguém que não era gay? Acha que isso aconteceria no Brasil também?

Era bisonho. Todo mundo perguntava se nós tínhamos algo e eu falava que não para protegê-lo. Nossos amigos não sabiam de nada. Não era um cara que eu gostava e era gay. Eu não sabia onde estava pisando. Acho que na Europa, em geral, as pessoas são mais livres do que no Brasil. Aqui, a gente acredita muito que só existe o homem, a mulher e o gay, você não pode estar fora disso e descarta a oportunidade de experimentar, porque acha que só é homem aquele que não sente curiosidade por outro homem. Não, tem gente que é mais sensível do que isso. Não tem mulher que é mais sensível do que isso? Não tem mulher que já se relacionou com mulher e descobriu que não era isso que queria?

Essa falta de definição por parte do outro não atrapalha? Não atrapalhou vocês?

Sim, porque toda vez que ele ficava com uma menina, eu me sentia mal. Depois que descobri a primeira mentira e a gente brigou pela primeira vez, ele disse que eu não podia ir embora, que me amava, em português. Disse que nunca ia fazer aquilo para me magoar, que achava que eu me dava bem com essa situação. Que o que sentia de vez em quando era vontade de ficar com uma mulher. A gente continuou junto, mas a situação já não era mais a mesma. Sempre que ficávamos, no dia seguinte, parecia que era uma coisa só minha, como se ele não estivesse lá.

Depois disso, vocês tiveram mais algum problema com ciúmes?

Sim, no dia do aniversário dele. Ele me chamou para sair. Senti uma coisa muito ruim e falei que não ia. Mas ele me convenceu e eu fui. Encontrei uma conhecida minha. Ela veio dançar comigo, depois todo mundo começou a dançar junto. De repente, percebi que ela estava dando mole para o francês. Eu cheguei para ele e falei assim: olha, espera eu ir embora ou se você quer ficar com alguma mulher hoje, não fica com ninguém que eu conheça, porque senão depois eu sofro muito. Aí ele ficou com a menina na minha frente. Eu desabei, queria chorar. Depois disso, não conseguia mais estar perto dele.

Você não tentou nada para sair dessa situação?

Tentei. Nesse meio tempo, encontrei o Diogo, que era de longe o moleque mais legal que eu tinha conhecido em Portugal. Só que um dia a gente saiu, o francês louco apareceu e fez questão de causar ciúmes em mim com uma amiga. Aquilo ali já estava me cansando. Tudo o que eu queria era que o Diogo ficasse comigo naquela hora. Então eu dei a mão para o Diogo e falei: se você soltar, eu paro de falar contigo. Do nada, o louco do francês veio e falou que estava muito bêbado e precisando de ajuda. Ele morava comigo, no meu quarto, há dois meses, e estava sem a chave. Eu tinha que cuidar dele, eu o amava. Fui para casa, a gente discutiu, e foi a pior noite da minha vida. Falei para ele que o amava. Ele disse que não sabia. Falou que nunca deu motivos para isso acontecer, que nunca fez nada para que pudesse ser amado, que tudo aquilo partia de mim. Aí ele surtou e não nos vimos mais.

Toda forma de amor

A história do padre que foi casado e ainda ama sua esposa

Thaís Imbuzeiro

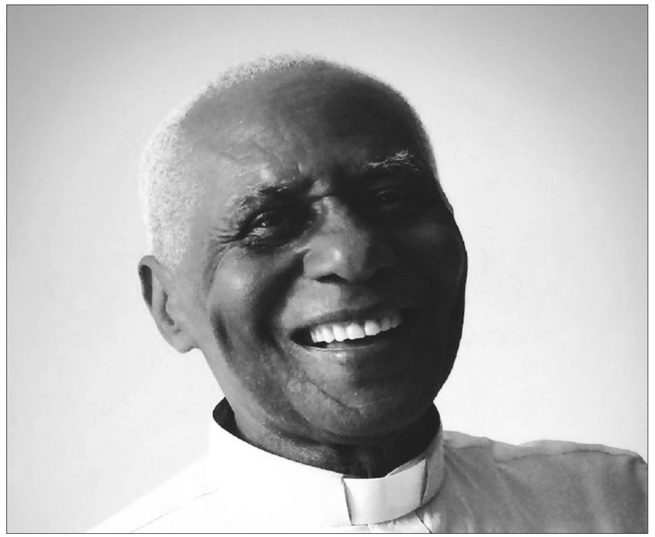
Militar, pai, avô e bisavô, Padre Agostinho, hoje com 86 anos, ama incondicionalmente a Deus, ao Brasil e a sua família. Após ficar viúvo em 1992, Agostinho Teotônio de Almeida encontrou seu caminho no sacerdócio e se ordenou padre no Oratório do Soldado, em Brasília, em 2008. “O engraçado é que, como eu sempre fui religioso e hoje sou padre, as pessoas me perguntam se o meu casamento era santo”, ri. “Mas, como dizem lá na minha terra, a gente gastava muito a ferradura”, conta. “Nunca deixamos o amor de lado, a base de tudo sempre foi o amor”, explica.

Ao contrário do que muitos pensam, a vontade de Agostinho de ser padre não veio após a morte de sua esposa, ela já existia desde a infância. Todo domingo ele ia à missa com seus pais, na pequena cidade de Miraí, no interior de Minas, e se perguntava: “Será que eu poderei um dia usar uma veste desta?” O máximo que conseguiu na juventude foi ser coroinha e sacristão na igreja local. O sonho de ser padre era uma realidade distante. “Eu não tinha nem o que comer, como ia ter dinheiro para bancar meus estudos para ser padre?”, indaga.

Sem muitas perspectivas para o futuro, o menino foi se alistar no Exército. “No dia 15 de março de 1949 eu me alistei na Companhia de Canhões de Juiz de Fora. Cheguei descalço, com as roupas rasgadas e nem certidão de nascimento tinha”, conta. No Exército, sua vida tomaria um novo rumo. O padre nunca deixou a fé de lado, sendo apelidado pelos colegas de quartel de “cabo-capelão” devido à assistência religiosa que prestava a todos. “Eu fazia por amor”, explica.

Foi no Rio de Janeiro, para onde foi transferido em 1951 para cursar a Escola de Veterinária do Exército, na região do morro da Mangueira, que Agostinho viu pela primeira vez a mulher da sua vida. “Numa tarde de sábado, estava eu sentado numa mesa no canto do restaurante perto da Escola conversando com uns amigos, aí ela passou. Me lembro como se fosse agora, vestia uma blusa de crepe vermelha e uma saia de linho branca”, conta o padre com um sorriso bobo no rosto. “Quando é amor é amor ”, suspira, justificando suas lembranças tão vivas na memória.

Encantando com a moça, o rapaz comentou com os colegas de farda: “Com esta eu me casaria”. Parecia absurdo, já que ela havia passado rápido e ele mal tinha visto seu rosto, mas ele tinha certeza que era ela. Os amigos foram contar para a moça os comentários de Agostinho, e ela foi falar com ele. “Eu suava como se tivesse tomado um banho”, lembra. “Ela era ao contrário de mim, totalmente extrovertida”. Sem nunca ter namorado, Agostinho lutou para não gaguejar ou perder a fala, e disse à moça: “Amanhã as cinco horas eu vou à sua casa”. E assim o fez, no domingo de manhã foi à missa, fez suas orações e a tarde tomou um banho e vestiu sua farda de gala, túnica branca com fivela e botões dourados e calça cinza.



“Continuo amando a minha esposa, conta Padre Agostinho, de 86 anos, casado por 36 anos

“Estava pronto, mas me dei conta de que não sabia nem o endereço nem o nome dela. Voltei ao restaurante e consegui. Seu nome era Luci, era capixaba e morava numa casinha do outro lado da Quinta da Boa Vista com mais três irmãs e uma prima. Chegando lá foi recebido pela irmã de sua futura esposa, entrou e conversou com ela durante 45 minutos. Olhando sempre para o relógio, por conta da cultura de sua terra de que o namorado não deveria permanecer na casa da namorada após as 18 horas, às 17 horas e 45 minutos ele a pediu em casamento.

“Ela estava sentada num banquinho baixo, levantou-se e eu vi as lágrimas correrem pelo seu rosto.” Ela era órfã e não tinha condições de realizar o casamento. Agostinho, à época sargento do Exército, assegurou-a de que pagaria todas as despesas. O casamento foi no dia 27 de outubro de 1956 na Igreja de Santa Cecília, em Volta Redonda. Uma das irmãs de Luci se casou junto com eles na mesma cerimônia e no dia seguinte o casal abrigou 19 parentes e agregados da família que não tinham imóvel próprio no recém-comprado apartamento de dois quartos na Tijuca.

Dona Luci e Agostinho viveram 36 anos juntos e tiveram três filhos. Mesmo casado e dedicado à família, o padre nunca deixou sua religiosidade de lado. Quando foi transferido para São Borja, no Rio Grande do Sul, em 1966, o sargento cursou o seminário em Uruguaiana mas não ordenou-se diácono por achar que “ainda não era a hora”.

Mais tarde, com o consentimento por escrito de dona Luci, Agostinho foi ordenado diácono permanente da Igreja Católica Apostólica Romana em Brasília, onde já estava desde a década de 70. Realizou batizados, casamentos e foi administrador do Oratório do Soldado, no setor militar, por mais de 20 anos. Reformado subtenente do Exército, Agostinho tinha tempo livre para se dedicar mais à Igreja e à família.

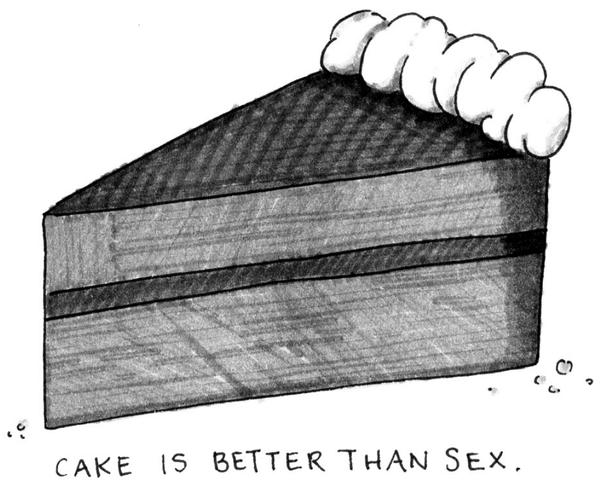
Mas em 1992 Agostinho ficou viúvo. “A Luci morreu para os outros. Para mim ela apenas deixou de ter os movimentos mecânicos. Um dia nós ainda vamos nos reencontrar junto a Deus. Continuo amando a minha esposa e tenho certeza de que, lá no Céu, ela está feliz e orgulhosa de mim”. Sem a companhia física de sua amada, Agostinho se dedicou aos estudos religiosos e depois de muita burocracia no Vaticano, ordenou-se padre e realizou sua primeira missa no dia 13 de abril de 2008, no Oratório do Soldado, em Brasília.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 24-25 17/01/2019 16:24:00

Nova cor no arco-íris da diversidade

Emergindo na virada do século XXI, assexuais não sentem atração sexual

Ilustrado por Lizzie Cox



Rita de Cássia C. de Oliveira

Há dez meses Andressa X* está namorando. Assim como qualquer outro casal, ela e seu parceiro não poupam manifestações de afeto: passeiam de mãos dadas na rua, abraçam-se, trocam beijos e publicam fotos juntos nas redes sociais. Mas há algo no namoro dos dois que faça com que o seu relacionamento seja diferente da maioria. Andressa não se interessa por sexo. Ela manifesta uma condição que recentemente se popularizou: a assexualidade.

A assexualidade é "uma sexualidade que tem como principal característica o desinteresse na atividade sexual com o parceiro", explica a doutoranda em Sociologia da Educação da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora de Comunicação da Sexualidade, Elisabete Regina Baptista de Oliveira. É um conceito bastante recente, formou-se no começo do século XXI, assim como as pesquisas em sua volta. Aos poucos tem começado a chamar atenção por ir na contramão do que é considerado normal por nossa sociedade altamente sexualizada, responsável por enxerga o sexo como uma prática essencial a vida.

Recebida com estranheza, a assexualidade é um tema pouco conhecido que abre margem para as mais diversas especulações – muitas vezes errôneas - a seu respeito. Há quem automaticamente, ou até inconscientemente, associe essa forma de manifestação de sexualidade ao celibato. "Celibato é uma escolha", esclarece a pesquisadora Elisabete de Oliveira.

"Uma pessoa celibatária tem desejo sexual, mas reprime seu desejo em nome da abstinência. Pessoas assexuais costumam dizer que nunca escolheram ser assexuais, não há desejo reprimido." Não ser uma escolha do indivíduo faz com que as pesquisas configurem a assexualidade como mais um tipo de orientação sexual, assim como a homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade.

É também comum acreditar que a indiferença ao sexo desse grupo seja fruto de patologias sexuais, mas novamente é uma colocação incorreta. Patologias sexuais podem ser resultado de algum distúrbio fisiológico ou causados por alguma trauma, como violência sexual. "Pessoas que têm alguma patologia, em geral tinham desejo sexual antes, e por algum motivo, deixaram de sentir", explica a pesquisadora. "Pessoas assexuais relatam que sempre se sentiram do jeito que são, ou seja, ao longo da vida não se lembram de jamais terem sentido interesse sexual por alguém."

Por ser um assunto que começou a ser pesquisado recentemente não existem números percentuais concretos referentes a parcela de assexuais na população mundial. De acordo com Elisabete, os pesquisadores têm apenas duas pistas: relatórios Kinsey feitos nos anos de 1940 e 1950 e um mapeamento feito pela área de saúde no Reino Unido em 1994, que apontam para um percentual de 1% de pessoas que não estão interessadas em sexo. Entretanto esse número não é exato, pois engloba também pessoas

que não são assexuais e que que por outros motivos não têm esse interesse.

Para o assexual existe uma distinção muito clara entre amor e sexo. O assexual não sente atração sexual, mas pode sentir atração romântica, ou seja, pode apaixonar-se e se estabelecer em um relacionamento, sem que isso implique sexo.

Segundo a Asexual Visibility and Education Network (AVEN), comunidade de identidade assexual em prol da causa na sociedade norte-americana, existem classificações que especificam a orientação romântica desse grupo os arromânticos, que não se interessam em relacionamentos afetivos e os românticos que buscam o amor.

Dentro desse último subdividem-se em homorromânticos, heterorromâticos, birromânticos e panrromânticos, de acordo com o sexo e o gênero a que esse afeto será direcionado. Ainda existem mais duas categorias à parte, os demissexuais, que sentem atração sexual apenas se estiverem extremamente apaixonados pelo parceiro e os Gray-A, que podem sentir às vezes atração sexual.

Não manifestar interesse sexual em uma cultura que venera o sexo é um comportamento encarado quase como de uma aberração. O estudante de letras Lucas X (20), assexual birromântico, conta que o primeiro estranhamento foi o familiar. "Durante a adolescência eu passei por uma pressão da família. Ouvia: Ah, você não vai namorar?, Arranje uma garota para sair, Você é gay? Só que eu não me interessava nem por garotas, garotos ou namoro, mas ao mesmo tempo eu não queria ficar sozinho. Eu sentia essa pressão de fora, de que é preciso se relacionar sexualmente com outras pessoas, se não você vai ficar sozinho."

Imagens: Tom Morris

O roxo, cor símbolo da assexualidade, dominou a rua inglesa Regent Street durante o World Pride de Londres, em 2010

Essas pressões sociais associadas a um desconforto por não estar de acordo com a sexualidade dominante são capazes de gerar uma angústia em uma pessoa que está em processo de identificação de sua assexualidade. Andressa Y (19), atendente e assexual heteromântica, antes de descobrir sua orientação, achou que houvesse algo de errado. "Conforme as pressões aumentaram, eu mesma cheguei a ficar na dúvida. Será que eu não tenho um problema? Então eu me forcei a ficar com outras pessoas para ver como era, mas desisti de tanto tentar." Dessa experiência concluiu: "Não deu. Eu tentei bastante até que chegou uma hora que não consegui. Se não senti nada até aquele momento, não é agora que eu iria sentir".

Mas essa tristeza por não entender essa diferença em relação aos demais em boa parte dos casos é facilmente solucionada quando a pessoa entra em contato com o conceito de assexualidade. "A maioria dos relatos revela que a 'descoberta' da assexualidade trouxe a autoaceitação de si mesmo, o fim das dúvidas", conta a pesquisadora Elisabete de Oliveira. A internet foi uma ferramenta crucial nesse processo de descoberta, segundo ela, foi seu surgimento que possibilitou a emergência do conceito. "Estas pessoas viviam de modo isolado e, só depois do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, descobriram que existem outras como elas no mundo", explica.

O estudante de artes visuais, David Z (29), assexual arromântico, conta que foi navegando na internet que se deparou com a noção de assexualidade. "Eu estava pesquinsando sobre gênero, feminismo e acabei caíndo em um site sobre assexualidade. Na época eu achei interessante, mas não me identifiquei muito." Contudo, um ano depois ele retornou ao site e viu de que de fato o conceito tinha a ver com ele. "Não sei se é porque eu mudei de um ano para cá, mas acabei me identificando." David também conheceu uma pessoa assexual, o que foi determinante para seu processo de identificação.

As comunidades virtuais tiveram uma importância enorme na estruturação desse grupo. Segundo Elisabete, eles passaram a se reunir na rede para discutir como questões presentes em seu cotidiano interferem no modo como vivem sua sexualidade. A comunidade virtual mais expressiva é a norte-americana AVEN, traduzida em 13 idiomas e que desde 2001 luta pela causa assexual. No Brasil a organização dos grupos assexuais ainda está em desenvolvimento, mas já possui com uma comunidade relativamente bem formada, a A2, que conta até o momento com 1392 usuários registrados.

Bolo é melhor que sexo

Bandeira com as cores do arco-íris. Félix e Niko beijando-se no último capítulo da novela Amor a Vida. Os elementos de identificação da cultura homossexual estão presentes em nossa sociedade e são facilmente reconhecidos, o que não acontece com a assexualidade. Mas a convivência desses indivíduos na rede permitiu que alguns símbolos assexuais pudessem se constituir.

A AVEN foi uma ferramenta fundamental para a construção desses ícones. Assim como no movimento LGBT, a assexualidade possui uma bandeira que representa sua causa. Contendo quatro listras horizontais, as três primeiras – preto cinza e branco - representam uma gradação do desejo sexual de sua ausência a sua presença. Já a última cor, o roxo, é o símbolo absoluto da assexualidade. Um triângulo invertido também é usado para designar as variações de desejo.

Outro elemento de identificação entre eles é o bolo. Para deixar claro o desinteresse pela prática sexual, estabeleceu–se algo que para o grupo é mais prazeroso que sexo: comer bolo. É comum encontrar imagens da guloseima nas comunidades seguindo essa associação. O às das cartas de baralho também é símbolo, já que a pronúncia na língua inglesa da primeira sílaba de assexual coincide com a pronúncia da palavra às – ace.

OK 2014.2 - Amor & Sexo.indd 26-27 17/01/2019 16:24:01

Convivendo com o HIV

Brasil é o pais da América Latina com o maior índice de novos casos de Aids

Cecília Castro

O Relatório global divulgado em julho deste ano pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e Aids (Unaids), mostra que as novas infecções por HIV (vírus da imunodeficiência humana) aumentaram 11% entre 2005 e 2013 no Brasil, enquanto que na América Latina, este índice é de apenas 3%. No último ano, entre os países latino-americanos, nosso país registrou 47% de todos os novos casos.

O Brasil alterou seu protocolo de atendimento para soropositivos, adequando-se às últimas indicações mundiais, e passou a tratar com antirretrovirais todas as pessoas com HIV, independentemente da carga viral do paciente. Com isso, mais que dobrou o número de pessoas em tratamento, passando de 165 mil, em 2005, para 353 mil em 2013.

Segundo profissionais da área, o diagnóstico precoce do vírus é a chave inicial para um bom tratamento, uma vez que na maioria desses casos, a doença ainda não se manifestou e fica mais fácil manter a carga viral abaixo do limite mínimo de detecção.

Contrair o HIV não significa desenvolver Aids imeditamente. Qualquer pessoa pode fazer o teste de Aids de forma anônima e gratuita em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) ou nas diversas unidades das redes públicas de saúde. Telefonando para o Disque Saúde (136) é possível perguntar sobre o melhor local para se fazer o teste em qualquer região do país, além de se obter informações sobre a doença e seu tratamento.

Se na década de 1980, quando eclodiu, a Aids significava inevitável óbito, hoje é mais uma doença crônica que o portador do HIV pode vir a não desenvolver. Por se tratar de uma enfermidade ainda sem cura, a unanimidade dos profissionais da área de saúde que se dedicam a tratá-la afirma que o importante é investir no uso dos preservativos na hora de se fazer sexo.

Os preservativos também são o caminho para se evitar que a doença se agrave para aqueles que já o contraíram. Segundo a infectologista Cydia Souza, "se os vírus continuam entrando, a carga de vírus circulante aumenta e, com isso, diminui o tempo de latência da doença; ou seja, a quantidade da célula de defesa chamada Linfócito CD4 diminui rapidamente desenvolvendo a doença mais precocemente. Caso os dois parceiros estejam em tratamento e ambos estiverem com a carga viral indetectável, não há problemas em não utilizar os preservativos." A questão de decidir pelo não uso de preservativos entre dois soropositivos reside na fidelidade do casal.

O site Aids no Brasil, do Ministério da Saúde informa que, quanto à forma de transmissão, prevalece a contaminação por via sexual. "Nas mulheres, 86,8% dos casos registrados em 2012 decorreram de relações heterossexuais com pessoas infectadas. Entre os homens, 43,5% dos casos se deram por relações heterossexuais; 24,5% por relações homossexuais e 7,7% por bissexuais." O restante ocorreu por transmissão sanguínea (uso de drogas injetáveis, acidentes biológicos e outros casos) e pela transmissão chamada de vertical, quando a gestante transmite para o recém-nascido.

> *"Difícil é ter que viver sozinha com meu segredo, a doença te afasta de tudo e todos"*
>
> R.G., de 24 anos

Pelas estatísticas atuais, verifica-se que não há razão para continuar apelidada de Câncer Gay, como foi nos anos 1980. Porém, os profissionais que tratam seus pacientes em ambulatórios percebem que o preconceito ainda persiste e, na maioria dos casos, é o maior problema para os pacientes.

A técnica de enfermagem Rita de Cássia P. Silva acredita que pior que os possíveis efeitos colaterais da medicação, é a discriminação que sofrem de amigos e até mesmo familiares. "São muitos medicamentos a serem tomados diariamente, mas o que acaba com os pacientes é a discriminação da sociedade porque lhes rouba a vontade de viver."

R.G., de 24 anos, atendente de loja, se trata no ambulatório de DST/Aids de Itaboraí desde que descobriu que contraíra o vírus há cinco anos de seu noivo e único parceiro sexual de toda vida, confirma: "Conviver com o vírus é difícil pelo preconceito, não se pode falar abertamente porque quem ouve já te julga e passa a te olhar diferente." Embora ainda more com os pais, decidiu não contar sobre ser soropositiva para Aids porque tem medo de ser tratada com pena. "Só uma irmã minha que sabe e me disse que preferia não ter sabido. Quase não conversamos a respeito porque ela acha que não pode me ajudar em nada." E complementa: "O mais difícil é ter que viver sozinha com meu segredo, a doença te afasta de tudo e todos. Aonde se vai, se leva a doença."

Com visão oposta ao olhar desalentador da sociedade, a médica Maria Inês Castro define como é trabalhar com esta doença: "É gratificante receber um paciente em estado grave, com 1,70m de altura pesando 35 Kg, interná-lo e, dois meses depois, poder dar alta com ele pesando mais de 67Kg." E completa: "Trazer de volta à vida produtiva pessoas desacreditadas tanto clinicamente quanto socialmente é o melhor da profissão."